

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

MAYDÊ MAYARA VIEIRA DE MENEZES

VOZES ANCESTRAIS: OS SABERES E CRENÇAS PRESENTES NAS
NARRATIVAS DAS MULHERES BENZEDEIRAS DE MANACAPURU-AM

Manaus/AM
2024

MAYDÊ MAYARA VIEIRA DE MENEZES

**VOZES ANCESTRAIS: OS SABERES E CRENÇAS PRESENTES NAS
NARRATIVAS DAS MULHERES BENZEDEIRAS DE MANACAPURU-AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia [PPGSCA] da Universidade Federal do Amazonas [UFAM] como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientador: Prof Dr. Bruno de Oliveira Rodrigues

**Manaus/AM
2024**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M543v Menezes , Maydê Mayara Vieira de
Vozes ancestrais : os saberes e crenças presentes nas narrativas das mulheres benzedeiras de Manacapuru-Am / Maydê Mayara Vieira de Menezes . 2024
76 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Bruno de Oliveira Rodrigues
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Benzedeiras . 2. Saberes. 3. Narrativa. 4. Religiosidade. 5. Amazônia. I. Rodrigues, Bruno de Oliveira. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

MAYDÊ MAYARA VIEIRA DE MENEZES

**VOZES ANCESTRAIS: OS SABERES E CRENÇAS PRESENTES NAS
NARRATIVAS DAS MULHERES BENZEDEIRAS DE MANACAPURU-AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação
em Sociedade e Cultura na Amazônia [PPGSCA] da
Universidade Federal do Amazonas [UFAM] como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Sociedade e Cultura na Amazônia.

Aprovado em 31 de julho de 2024

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Bruno de Oliveira Rodrigues
Presidente da Banca
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. Tiago de Garcia Nunes
Membro da Banca
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Profa. Dra. Sidnei Clemente Peres
Membro da Banca
Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

O presente trabalho é um esforço para promover um estudo sobre as práticas e saberes tradicionais das benzedeiras de Mancapuru, que são mulheres cujas práticas de rezas e benzeduras fazem parte das práticas de cura da medicina popular, da cultura e da religiosidade brasileira, estabelecendo relações com o sagrado e o profano. Na Amazônia, o ofício das benzedeiras faz uso de elementos das ervas e plantas amazônicas, defumações, orações e rezas que carregam traços da hibridização da cultura religiosa católica e afro-indígena, resultado das interações entre diferentes grupos étnicos da região. Para o tratamento de quebranto, mau-olhado, além de fazerem massagens e tratamento de luxações várias orações e benzimentos são usados. Portanto, esta pesquisa teve como objetivo principal investigar os saberes e crenças presentes nas narrativas das mulheres benzedeiras de Manacapuru-AM, buscando com isto compreender o modo como elas vêm construindo múltiplas interações com a comunidade e de que modo a trajetória destas benzedeiras no exercício do seu ofício representam processos de resistência social a partir de práticas, os quais valorizam o conhecimentos tradicionais, pontuando aspectos de fé, trabalho, saúde e do benzimento. Em termos epistemológicos, a abordagem é interdisciplinar, a qual associa contribuições da Sociologia e da Antropologia para compreensão da complexidade do fenômeno estudado, então, optamos pelos pressupostos da Ecologia dos Saberes de Boaventura de Sousa Santos, ancorada na Epistemologia da Sul, que privilegia preferência às formas de conhecimento que garantam a maior participação possível dos grupos sociais envolvidos. Trata-se de um estudo bibliográfico e de campo, em que utilizamos a técnica de pesquisa de observação participante na intenção de construir uma etnografia, densa do repertório dos saberes e crenças presentes nas narrativas das mulheres benzedeiras, a partir da articulação entre história e suas representações coletivas e subjetivas. Como sujeitos de pesquisa, contamos a participação de três benzedeiras que residem e atuam no município de Manacapuru. No transcurso de nossa pesquisa foi possível observar que mesmo em um contexto de modernidade e tecnologia a prática da cura tradicional valendo-se das rezas, benzimentos, unguentos, chás e orações ainda é amplamente praticada no interior e, em Manacapuru, essas mulheres possuem relevância na comunidade onde estão inseridas e suas histórias se confundem com a história da cidade e das pessoas que com elas convivem.

Palavras chaves: Benzedeiras. Saberes. Narrativa. Religiosidade. Amazônia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 - RELIGIÃO E AMAZÔNIA	11
1.1 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE	11
1.2 MESSIANISMO E CRISTIANISMO POPULAR	15
1.3 RELIGIOSIDADE NA AMAZÔNIA	17
1.4 MITOLOGIAS E A RELIGIÃO	27
CAPÍTULO 2 - CIVILIZAÇÃO, SOCIEDADE, RELIGIÃO E GÊNERO	30
2.1 CIVILIZAÇÃO E SOCIEDADE	30
2.2 CIVILIZAÇÕES E SOCIEDADES NA AMAZÔNIA	33
2.3 RELIGIÃO NA AMAZÔNIA	34
2.4 GÊNERO: MULHERES E O SAGRADO	36
2.5 AS BENZEDEIRAS E REZADEIRAS	37
2.6 O SAGRADO FEMININO NA LITERATURA	40
2.7 O ETNOCONHECIMENTO NO FAZER DAS BENZEDEIRAS E REZADEIRAS	42
2.8 BENZEDEIRAS E REZADEIRAS BRASIL A FORA	43
CAPÍTULO III - AS BENZEDERIAS DE MANACAPURU	47
3.1 O QUINTAL DE VOVÓ	47
3.2 AS BENZEDEIRAS	49
3.3 O PODER DOS SÍMBOLOS: REZAS, FITAS, TERÇOS E ORAÇÕES	50
3.4 DONA FLOR	52
3.5 DONA ANA: A BENZEDEIRA DE MORDIDA DE COBRA	57
3.6 DONA FRANCISCA	61
3.7 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NOS RITOS DAS BENZEDEIRAS	67
3.8 O BENZIMENTO HOJE E O PAPEL DAS BENZEDEIRAS EM MANACAPURU	70
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

Na Amazônia, o ofício das benzedeiras faz uso de elementos das ervas e plantas amazônicas, defumações, orações e rezas que carregam traços da hibridização da cultura religiosa católica e afro-indígena, resultado das interações entre diferentes grupos étnicos da região. Para o tratamento de quebranto, mau-olhado, além de fazerem massagens e tratamento de luxações várias orações e benzimentos são usados.

Esta pesquisa pretende então atravessar os saberes e crenças presentes nas narrativas das mulheres benzedeiras na cidade de Manacapuru/AM, as quais fazem parte da cultura popular, simbólica e religiosa da região Amazônica. Esta classe de manifestação social carrega consigo um arcabouço antropológico religioso como as místicas do fenômeno da benzeção. Considerando então que o objetivo principal deste estudo pretende investigar os saberes e crenças presentes nas narrativas das mulheres benzedeiras de Manacapuru-AM, a letra da toada é um retrato muito cuidadoso das crenças, símbolos e do fazer religioso das mulheres benzedeiras na Amazônia. É então com a letra da toada “Guardiãs da Encantaria” que começamos a apresentar a tessitura da pesquisa e o objeto desta investigação, senão vejamos:

*Da crença e da cura
Imortalizam a Amazônia
Como fonte de luz, abrigo e Recanto das mulheres que benzem.
Cantorias sagradas, afastam quebrantos
Acalanto divino na hora de dor
Grandeza de alma, nobre gesto de amor.
olhares atentos assistam o brotar da vida
Com cuidado apara o nascido como se fosse uma flor
Afugenta os espíritos, preveem a sorte
Com o toque dos dedos acalma o sofrer
Emanando luz, sagradas mãos que abençoam
É morada sutil dos mistérios da fé
Caprichoso, celebra o dom da unção
Presente nos mistérios das mulheres que benzem
Da cura sagrada
Da reza da mulher
Da crença de mulher (bis)
na oração da dona Iaia, a fé é o seu alimento
Das ervas da dona Martinha Prata, a cura de seu povo.
A Amazônia mística da dona Nega
Parteira, é o berço das mulheres que benzem*

Toada Boi Caprichoso: Guardiãs da encantaria
Composição: Edvander Batista / Sebastião Junior.

A Amazônia é um território rico em socio-biodiversidade, repleto de histórias, crenças, cosmologias, simbologias, saberes tradicionais, superstições e diversas manifestações culturais e religiosas. Trata-se de uma região com singularidades ontem há uma profunda interação entre as diversidades de povos que habitam o lugar, a natureza e a cultura.

O ritual da benzeção é rico em simbologia. Todos os elementos são partes constitutivas de um espetáculo: o local onde se benze, os objetos, as orações e a expressão corporal. Benze-se não apenas com o poder da oração e os objetos sagrados, mas também com os gestos, com o semblante e com o olhar. A linguagem empregada nas fórmulas, bem como os objetos manuseados, baseia-se quase sempre em analogias. Todos esses elementos unificados garantem a crença na eficácia do ritual de benzeção. (Moura, 2009, p. 178).

Ao definir especificamente o objeto deste estudo, queremos evidenciar que escolher o termo benzedeiras se deu pelo seu uso frequente na região, sendo assim, ao propor esta pesquisa, procuramos amplificar a voz às mulheres benzedeiras amazônidas que, muitas vezes, são invisibilizadas nas produções científicas e pela sociedade patriarcal, cujos saberes aproximam a medicina popular e as crenças religiosas e sincréticas adotadas para a realização de cura.

O processo metodológico no qual se assenta a pesquisa ancora-se nos pressupostos epistemológicos da Teoria da Ecologia dos Saberes e Epistemologia do Sul de Boaventura de Souza Santos, por ser crítica e capaz de contribuir para o desvelamento do objeto estudado, na sua articulação com os diversos campos dos saberes, questionando a posição profundamente hegemônica do conhecimento da ciência moderna.

A escolha pela Ecologia de Saberes justifica-se por esta reconhecer a diversidade epistemológica do mundo, o pensamento pós-abissal deve tomar forma de uma ecologia de saberes. Isso significa uma renúncia total a qualquer epistemologia geral, tida como verdade acabada (Santos, 2010). E a Epistemologia do Sul, justifica-se por se tratar de, segundo Santos e Meneses:

[...] conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes (Santos, Meneses, 2010, p. 7).

Justificamos que a escolha pela teoria, está intimamente ligada ao objeto estudado que transita na sociedade no campo simbólico cultural, mas que também claramente é um *habitus* carregado de simbologias e ideologias, que hora legitimam as práticas das benzedeiras, horas

desvalorizam e inferiorizam os seus conhecimentos tradicionais de cura, nos limiares de uma linha tênue entre o sagrado e o profano.

Para tanto, propomos uma pesquisa do tipo Etnográfica dentro de uma abordagem qualitativa, onde faremos o estudo dos saberes e crenças presentes nas narrativas das mulheres benzedadeiras de Manacapuru-AM.

Para Geertz, o fato de um signo ou uma representação sistemática ou hierárquica de signos depender do comportamento do sujeito que estuda o etnógrafo encarna o ponto de vista sociológico, com destaque para três características da pesquisa etnográfica “[...] interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o "dito" num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis” (2008, p.31).

Ainda segundo o autor (2008) a etnografia é uma descrição densa é “[...] como tentar ler [...] um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”. (Geertz, 2008, p.7).

Para Braga (2007), o método etnográfico demanda a complementação de outros aportes teórico-metodológicos, entendendo que a combinação de múltiplas técnicas e materiais de pesquisa pode ser uma estratégia para enriquecer, aprofundar e complexificar uma investigação científica. Neste sentido, o planejamento e a execução da etnografia se dar sob os moldes da pesquisa em campo, como parte de um processo sistematizado que compreende estar *in locus* e contato direto com o fenômeno investigado. Entretanto, as etapas da pesquisa são detalhadas da seguinte forma: “A princípio realizamos uma pesquisa bibliográfica a partir de material já elaborado e que requer uma revisão de literatura em livros, teses e dissertações, artigos científicos” (Gil, 2002), que servirá de base para a fundamentação teórica do estudo e seus capítulos.

Em seguida, valemo-nos das observações *in lócus*, objetivando conhecer a realidade estudada. Para isso, usamos diferentes técnicas de coleta de dados como: observações assistemáticas e sistemáticas, registros de imagens, anotações e caderno de campo, visando compreender o modo como as benzedadeiras, a partir das múltiplas interações com a comunidade,

vêm construindo suas relações sociais e também as práticas das benzedadeiras, traçando a trajetória no exercício de seu ofício.

Igualmente fizemos também uso de fontes orais (Thompson, 1989) por meio de coleta de narrativas, buscando identificar as crenças e os saberes presentes nas narrativas das benzedadeiras; e evidenciando suas trajetórias no exercício do seu ofício, pontuando aspectos de fé, trabalho, saúde e conhecimento no ato do benzimento.

Posteriormente realizamos o tratamento e organização das informações obtidas, consecutivamente a análise dos resultados obtidos com as técnicas aplicadas, apresentando de forma descritiva-analítica os principais achados.

Sequencialmente o trabalho apresenta-se dividido nos seguintes capítulos: Capítulo 1: Religião e Amazônia, Capítulo 2: Civilização, Sociedade, Religião e Gênero e, Capítulo 3: As benzedadeiras de Manacapuru.

No primeiro capítulo apresentamos o universo simbólico, cultural e religioso da Amazônia, norteado pelo objetivo específico de identificar o que é a religião e como ela norteia a vida dos povos amazônidas. O segundo capítulo encontra-se centrado na questão de gênero e a religiosidade, percorrendo o papel da mulher amazônida na estrutura religiosa e como se dá a religiosidade popular - não canônica. Trataremos da questão de gênero como elemento fulcral da religiosidade mais especificamente do contexto do imaginário mítico amazônico. Nesse contexto, as mulheres possuem papel importante pois estão presentes nas manifestações que mobilizam conhecimentos do catolicismo popular e de religiões afro-indígenas, bem como ministram diante de assembleias evangélicas e, comumente, são usadas como profetisas ou “vasos” nesse contexto religioso. O capítulo final trata especificamente das benzedadeiras de Manacapuru, suas histórias, práticas e tradições religiosas que norteiam o fazer das mesmas, seu papel nessa gama complexa da sociedade amazônida, sua relevância e a práxis das mesmas no município de Manacapuru, lócus da pesquisa, as quais são fruto das relações interculturais e religiosas da região.

Nas comunidades amazônicas, institui-se uma forma de saberes tradicionais de cura, se destacando no universo feminino, são líderes marcantes dentro de suas comunidades desempenhando um papel de liderança, guiam e orientam a comunidade. Suas atividades de

interações, passam por vários campos da vida social moderna, e mesmo que diferentes umas das outras, todas partilham da figura personificada de benzer e cuidar. Sobre isso, Dias *et al.*, (2017, p. 69) afirma que as benzedadeiras são sujeitos da história, pessoas simples, solidárias e donas de processos de saberes e fazeres.

No bojo do contexto amazônico, encontram-se as benzedadeiras de Manacapuru, cujo ofício tem presença ampla, traçando marcas importantes, do ponto de vista cultural, social, político, religioso, e mágico simbólico e local.

A escolha pelas benzedadeiras como sujeitas da pesquisa se deu por percebermos que a tradição do benzimento entre as mulheres têm resistido apesar do tempo e dos avanços da sociedade moderna, capitalista e globalizada. Quanto ao contexto escolhido para a pesquisa etnográfica, como anunciado, faz parte da região metropolitana do Estado do Amazonas.

Assim, mais que intenções, esperamos que o trabalho possa se constituir em um chamamento para olhares mais sensíveis à realidade amazônica, em que as narrativas de nossa *gente* sejam traduzidas nos registros das experiências retidas, nas pesquisas e que por sua natureza, contenham a força da tradição retratada nas vozes dos outros, sujeitos, memórias, histórias e identidades, pois eles são a humanidade em movimento. *São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a História em construção. São memórias que falam.*

Manacapuru é uma cidade com 101.883 habitantes e, segundo o censo demográfico do IBGE de 2022, o município possui uma área de 7 336,579 km², representando 0.4705% da área do estado do Amazonas (IBGE, 2022) e está situada às margens do rio Solimões, distando 93 quilômetros da capital do Estado do Amazonas (Manaus) pela via terrestre, sendo o principal acesso à cidade a Rodovia Manoel Urbano, onde está a Ponte Jornalista Phelippe Daou, conhecida como Ponte Rio Negro, com 3,6 km.

Localizada nas margens do rio Solimões a cidade de Manacapuru tem suas origens nas aldeias dos índios mura da região. Fundada no século XVIII ascende à condição de cidade em 1932 e em 1981 tem diversas áreas e distritos desmembrados em favor dos municípios de Iranduba, Beruri, Anamã, Manaquiri e Caapiranga (Prefeitura Municipal de Manacapuru, 2024).



Fig. 04 Localização de Manacapuru. Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu

O nome Manacapuru vem da língua indígena e significa Flor Matizada nome esse que designa uma das grandes atrações da cidade, o grupo de Ciranda Flor Matizada, assim como Parintins, Manacapuru também possui um festival folclórico que mobiliza toda a cidade, é o Festival de Ciranda sendo três os grupos folclóricos da cidade a participar do evento: Flor Matizada, Guerreiros Mura e Tradicional. Tradicionalmente é realizado na última semana de Agosto atraindo muitos turistas para o município por ocasião do mesmo.

A Ciranda Flor Matizada, nos tons lilás e branco, é a ciranda do Centro. Seu galpão localiza-se quase ao lado do Parque do Ingá (local onde as cirandas se apresentam). Reivindica para si a tradição de pioneira. Estrofes como “nosso povo/nossa dança/minha cultura eu vou mostrar/essa é nossa ciranda/tradição de Manacá” deixam transparecer que a antiga Ciranda do Nazaré faz questão de se fincar no lugar que almeja como seu: o de berço das cirandas manacapuruenses. A segunda ciranda a nascer, a Tradicional, localiza-se no bairro da centenária festa de Santo Antônio, razão de ser do seu nome (Tradicional, como a festa). Pauta-se pela manutenção de temas que versem sobre a localidade, sobre Manacapuru. Nas cores vermelho, dourado e branco, é a que mais “sofre” para chegar ao Parque do Ingá com suas alegorias, motivo que lhe rendeu o epíteto de “Ciranda Fundo de Quintal”. Entretanto, em meio às adversidades, a antiga Ciranda do Seffair propicia agradáveis espetáculos, com suas temáticas voltadas à própria história da Princesinha do Solimões. Fechando a tríade, eis a Ciranda do Povão: Guerreiros Mura da Liberdade. Oriunda do bairro da Liberdade, antigo Chaparral, a Ciranda faz questão de reivindicar sua humildade, denominando-se, além de “Ciranda do Povão”, como “pitiús”, “ciranda do Chaparral”, entre outras denominações. Nas cores azul, vermelho e branco, cujas origens remontam ora à bandeira do Amazonas, ora às antigas fardas das escolas estaduais, a Ciranda já levou para o parque do Ingá temáticas como “Apocalipse: os Guerreiros Mura e a divina revelação” (2007), “Moisés: o Guerreiro da Liberdade” (2011) e muitas e muitas encenações sobre lendas e mitos da Amazônia. Assim sendo, assistir a um Festival de Cirandas é certeza de um contato cultural singular gratuito, uma vez que o espetáculo não é cobrado (a não ser que você queira assistir bem na frente da arquibancada, onde as cadeiras são vendidas, a preços que variam anualmente). É certeza de criatividade, a começar nos temas escolhidos para serem defendidos e terminando na execução dos mesmos, e também de rivalidade, uma 15

vez que, afinal, trata-se de uma disputa: e quando há disputa, ninguém quer sair perdedor. Pronto, caro leitor. Agora posso voltar ao rigor acadêmico e falar, na terceira pessoa, sobre a minha paixão, sobre aquilo que me transforma em um ser humano melhor, sobre aquilo que me faz chorar, sobre o amor: minha terra, Manacapuru, com suas lindas filhas, as cirandas. Esse trecho, carregado de paixão, também tem a ver com ciência: parte de um pressuposto weberiano, para quem a posição do pesquisador tem relação com o objeto de estudo. (Silva, 2014).

Segundo o IBGE (2022) Manacapuru foi criada pela Lei no. 148, de 12 de agosto de 1865, como a Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré de Manacapuru tendo como sede o povoado de Manacapuru. Em 1894 a freguesia foi elevada à categoria de vila com a denominação de Manacapuru pela Lei Estadual no. 83 de 27 de setembro de 1894 onde ela é desmembrada do Município de Manaus.

A Comarca de Manacapuru foi criada pela Lei nº. 354 de 10 de setembro de 1901 e através de uma divisão administrativa de 1911 o município surge constituído por treze distritos: Manacapuru, Aiapuá, Arara, Beruri, Caapiranga, Campina, Conceição de Manacapuru, Guajaratuba, Jaitenga, Manaquiri, Mundurucus, Paratari e Tamanduá. Já em 1920 o município aparece com 5 distritos: Manacapuru, Aiapuá, Campinas, Manaquiri e Terra Preta. Em 5 de novembro de 1921 foi extinta a comarca de Manacapuru pela força da Lei no. 1126 sendo restabelecida no ano seguinte através da Lei no. 1133 de 07 de fevereiro de 1922.

No ano de 1932 o Ato Estadual nº. 1639 de 16 de julho de 1932 eleva à condição de cidade e em 1938 o Decreto-lei Estadual no. 176 de 01 de dezembro de 1938 cria os distritos de Caapiranga e Beruri sendo os mesmos anexados ao Município de Manacapuru (IBGE, 2023).

Com origem na etnia mura a cidade de Manacapuru possui também traços da colonização portuguesa e da presença de negros vindos das ondas migratórias do Nordeste em tempos de exploração da borracha bem como de escravizados fugidos das províncias do Maranhão e Grão-Pará. A estratificação sociorracial presente no município reflete na diversidade de credos, essa característica, na verdade, ela permeia toda a estrutura social brasileira.

CAPÍTULO 1

RELIGIÃO E AMAZÔNIA

Neste capítulo trataremos da religiosidade na Amazônia, herança deixada pelos colonizadores e pelos povos que aqui se instalaram, as manifestações populares da religiosidade e a importância dos mesmos. Trataremos então da representação religiosa e seu papel na Amazônia em uma perspectiva histórica, que passa pelo messianismo, o cristianismo popular e as manifestações das religiões afro-indígenas, as quais embasam a realidade da fé na Amazônia.

1.1 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

Em qual momento da existência humana o homem tomou consciência, percebeu-se como indivíduo e começou a questionar o mundo a sua volta, como as coisas funcionavam e quem seria o responsável ou responsáveis por criar e ordenar a vida sobre a Terra? Como as plantas e animais surgiram e como sabemos de suas utilidades? Como e quando o *homo sapiens sapiens* passou a ter consciência da divindade? Estas são, portanto, as indagações que mobilizam esta pesquisadora neste tópico, os quais vamos tentar construir um fio condutor para demonstrar ao leitor o ponto de leitura que nos encontramos neste instante.

Para chegar no nível de abstração em que percebemos ou cremos na existência do divino, o ser humano inicia sua jornada com comportamentos mágico-religiosos ainda como paleoantropóides (Eliade, 2010). O Sagrado é um elemento importante na estrutura da consciência humana pois viver como ser humano, em sociedade, passa a ser um ato regido pela crença no divino, no mágico, no sobrenatural.

O mundo conforme conhecemos só é possível após a verticalização humana, a adoção da postura vertical nos dá a perspectiva de alto/baixo, direita e esquerda, em cima e embaixo:

É a partir dessa experiência originária – sentir-se “lançado” no meio de uma extensão aparentemente ilimitada, desconhecida, ameaçadora – que se elaboram meios de *orientatio*, com efeito, não se pode viver por muito tempo na vertigem provocada pela desorientação. Essa experiência do espaço orientado em torno de um “centro” explica a importância das divisões e repartições exemplares dos territórios, das aglomerações e das habitações, e o seu simbolismo cosmológico[...]. (Eliade, Mircea, 2010, p. 17).

Após a adoção da postura vertical o ser humano elabora objetos que facilitam sua vida, que tornam tarefas cotidianas mais fáceis e dão tempo para o homem observar a natureza e seus fenômenos. Outros tipos de primatas, igualmente usam pequenos objetos como ferramentas. O

que os diferencia dos paleantropídeos é que os segundos usam ferramentas para fazer ferramentas.

A etapa seguinte, a domesticação do fogo, assinala a divisão definitiva dos paleantropídeos e seus antecessores. A possibilidade de produzir fogo, transportá-lo e ter seus benefícios pode ser atestada a partir de 600.000 aproximadamente. Contudo, segundo Eliade (2010), essa domesticação pode ter ocorrido até antes e em vários locais.

A superação dos hominídeos em relação aos seus antecessores se deu em diversos níveis. A adoção de uma dieta rica em proteína animal oriunda da caça gera uma nova rotina e relação com a natureza, essa rotina determinou uma divisão de trabalho de acordo com o sexo (fato existente apenas entre os seres humanos).

Mas a incessante perseguição e morte da presa acabaram por criar um sistema de relações *sui generis* entre o caçador e os animais abatidos. [...] a ‘solidariedade mística’ entre o caçador e suas presas é revelada pelo próprio ato de matar; o sangue derramado é em todos os aspectos semelhante ao sangue humano. Em última instância, a ‘solidariedade mística’ com a presa revela o parentesco entre as sociedades humanas e o mundo animal. Abater o animal caçado ou, mais tarde, o domesticado equivale a um ‘sacrifício’ em que as vítimas são intermutáveis. Convém explicar que todas essas concepções se constituíram durante as últimas fases do processo de ‘hominização’. Elas estão ainda ativas – modificadas, revalorizadas, camufladas – milênios após o desaparecimento das civilizações paleolíticas. (Eliade, 2010, p. 18-9).

A condição humana até então, resultado de uma caminhada de exploração, observação e criação cria um vínculo entre homem/natureza e gera uma certa sacralização das ferramentas criadas (Eliade, 2010). A transformação das ferramentas em elementos mágicos faz parte de mitologias antigas que fundamentaram as bases de sociedades antigas que desembocam nos conceitos teológicos e religiosos de hoje em dia.

E é entretanto inconcebível que as ferramentas não tenham sido investidas de certa sacralidade e não tenham inspirado inúmeros episódios mitológicos. As primeiras descobertas tecnológicas – a transformação da pedra em instrumentos de ataque e de defesa, o domínio do fogo – não só asseguraram a sobrevivência e o desenvolvimento da espécie humana; produziram também todo um universo de valores mítico-religiosos, e incitaram e nutriram a imaginação criadora. Basta examinar o papel das ferramentas na vida religiosa e na mitologia dos primitivos que ainda permanecem no estágio da caça e da pesca. O valor mágico-religioso de uma arma – de madeira, pedra, metal – sobrevive ainda entre as populações rurais europeias, e não somente no seu folclore. [...] Foi principalmente o ‘domínio da distância’, conquistado graças à arma-projétil, que suscitou incontáveis crenças, mitos e lendas. Lembremos as mitologias articuladas em torno das lanças que se cravam na abóboda celeste e permitem que se ascenda ao Céu, ou as flechas que voam através das nuvens, traspassam os demônios, ou formam uma corrente até o Céu etc. (Eliade, 2010, p. 19-20).

A dinâmica climática que ocorreu por volta de 8000 a.C mudou de maneira radical os hábitos de caça e coleta dos humanos do mesolítico. O fim da época glaciária faz com que florestas substituíssem as estepes árticas, houve uma migração dos animais para outras áreas acarretando na diminuição da caça fazendo com que os caçadores-coletores da época migrassem junto com as manadas e se instalassem às margens de lagos, rios e no litoral onde desenvolveram a pesca (Eliade, 2010).

As novas culturas que se desenvolveram durante os milênios subsequentes foram conhecidas pelo termo mesolítico. Na Europa ocidental, elas são nitidamente mais pobres que as grandiosas criações do paleolítico superior. Em compensação, na Ásia do Sudoeste, e particularmente na Palestina, o mesolítico constitui um período axial: é a época da domesticação dos primeiros animais e dos primórdios da agricultura. Pouco se conhecem as práticas religiosas dos caçadores que acompanharam as manadas de renas no norte da Europa. No depósito de limo de uma lagoa de Stellmoor, perto de Hamburgo, A. Rust encontrou os restos completos de 12 renas, submersas e com pedras na caixa torácica ou no ventre. Rust e outros autores interpretaram esse fato como oferenda das primícias apresentadas a uma divindade, provavelmente ao senhor das feras [...]. (Eliade, 2010, p. 41).

Ao que tudo indica, o lago Stellmoor era provavelmente visto como “lugar sagrado” pelos caçadores mesolíticos onde Rust recolheu numerosos objetos como flechas e ferramentas de ossos, machados feitos de galhadas de renas sendo, provavelmente, oferendas tais como as encontradas oriundas da Idade do Bronze e do Ferro encontradas em lagos e lagoas da Europa Ocidental.

Segundo Mircea Eliade (2010), os paleantropídeos são considerados “homens completos” podendo, assim, deduzir-se que possuíam crenças e práticas de ritos pois, segundo o autor, a experiência com o sagrado é fruto do exercício da consciência. A magificação da natureza ganha sofisticação e elaboração na antiga Suméria, onde a humanidade primeiro se organizou em cidades e civilização.

A percepção da importância da natureza para a manutenção da vida das pessoas permeia as mitologias criacionais dos povos antigos. Através de suas mitologias esses povos procuravam entender o mundo que os rodeava, explicar os fenômenos naturais que influenciavam suas vidas, perpetuar conhecimentos e fazer contato com o sagrado.

Até o momento não se descobriu qualquer texto cosmogônico propriamente dito, mas algumas alusões nos permitem reconstruir os instantes decisivos da Criação tal como era concebida pelos sumérios. A deusa Nammu (cujo nome é escrito com pictograma que designa “mar primordial”) é apresentada como “a mãe que gerou o Céu e a Terra”, e “a avó que deu à luz a todos os deuses” [...]. (Eliade, 2010, p. 67).

Nasce dessa inteiração com a natureza a sacralização da mesma e o culto às forças que regem a vida humana sobre a terra, a semente das religiões encontra-se nas antigas mitologias desses povos. A palavra religião tem como raiz o verbo *religare* que pode ser entendido como religar. Podemos pressupor com isso que religião é o que nos religa ao sagrado, ao divino às origens místicas do ser humano.

Ao abandonarmos a “visão magnificada” da vida e adotarmos a racionalidade ocidental, as manifestações sobrenaturais e fantásticas presenciadas por nossos ancestrais tornam-se uma lembrança esmaecida pelo tempo caindo no descrédito. Contudo, há um outro lado da história que é a fé popular, uma mistura de tudo o que nossos ancestrais nos legaram e as liturgias religiosas que orientam o ordenamento de atividades religiosas.

Dito isto, percebemos então que a magia, a representação divina e as práticas sociais se atravessam para produzir sentido e fundamentar práticas nos grupos humanos, realidade que se enraíza na vida do homem e que dela não se pode escapar.

1.2 MESSIANISMO E CRISTIANISMO POPULAR

A religiosidade popular é uma grande colcha de retalhos que ganha significado pelos sujeitos agentes sociais. Fruto de concepções a respeito da ligação com o sagrado, ela é regada por diversas fontes de crenças que a fazem caminhar, muitas vezes, à margem da religião oficial.

No interior do Brasil, onde até a presença do Estado é difícil de se fazer, as igrejas (tanto evangélicas quanto católica) se empenham em manter “acesa a chama do” cristianismo (Wright, 1998) e, nesse sentido, muitas das vezes, surgem figuras messiânicas que, apesar de não terem o ordenamento institucional oficial, são figuras de autoridade moral e passam a guiar a vida espiritual da comunidade que, por diversas vezes, ficam sem o apoio constante de representantes das denominações religiosas.

A exemplo disso temos figuras como Antônio Conselheiro (Canudos - BA) e Jacobina Mentz (Revolta dos Muckers – RS) que, no fim do Império e início da Primeira República, se apresentaram como líderes religiosos que, aos poucos, foram se convertendo em lideranças políticas. O fim trágico de suas histórias é mais um ponto em comum entre esses movimentos

messiânicos que pereceram na ponta da baioneta do Exército Brasileiro. Euclides da Cunha, em sua obra “Os Sertões”.

Sobre Jacobina Mentz falam Storni e Sena:

No caso dos Muckers liderados por Jacobina Mentz, houve a mesma ruptura com a sociedade “organizada”, profetizada pela então figura feminina de Jacobina, mulher de confiança de todos, cujo poder e conhecimento ultrapassavam a ordem material. O paraíso vindouro transformaria a sociedade ameaçada pela política mundana. O retorno mágico ao paraíso era anunciado, pois traria consigo as benesses almejadas suplicamente pelos pobres migrantes. (2012).

Na Amazônia, figuras messiânicas igualmente se destacaram e fizeram suas releituras da fé cristã principalmente entre os povos indígenas. No Alto rio Negro, Sophie Müller causou grande alvoroço entre os povos da região do Içana, obrigando a intervenção do Pelotão de Cucuí, por ordem do Presidente Getúlio Vargas, que determinou “escoltar” a referida missionária estrangeira para fora da região (Lima, 2016). Antes dela, porém, membros da etnia Baniwa, Koripaco e Werekena, em sua maioria pajés, previram a chegada de um novo deus que reestruturaria todas as relações da região (Wirght, 1988).

No que diz respeito às manifestações de religiões de matriz africana, Ribeiro, a respeito da Umbanda, diz:

Na Umbanda ocorre, conforme mencionado [...], o encontro de elementos de múltiplas origens étnicas e religiosas. Num altar ou congá encontramos imagens cristãs, budistas, tradicionais africanas, além da representação de personagens como índios, pretos-velhos, marinheiros, ciganos, crianças (erê) etc. As orações incluem cânticos em português aos orixás e rezas cristãs como o Pai Nosso e a Ave Maria. (Ribeiro, 1996, p. 112)

A releitura da religião e seus ritos, dentro da fé popular, cria elementos dentro da sociedade que respondem às necessidades e angústias das populações mais humildes e, muitas das vezes, desassistidas pelo Estado ou mesmo, perseguidas por eles. O catolicismo é historicamente uma influência significativa no Brasil, e muitas comunidades as igrejas católicas desempenham um papel importante na vida espiritual de muitos residentes

1.3 RELIGIOSIDADE NA AMAZÔNIA

A religiosidade praticada na Amazônia é resultado da confluência e das influências afro-ameríndias e européias. Espíritos das matas, encantados, rezas católicas, cantigas trazidas por escravizados, tudo isso permeia a religiosidade amazônica. Maués (1988), em “Padres, Pajés,

Santos e Festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico”, dedica especial atenção aos encantados e à pajelança cabocla presentes nas zonas rurais. O autor coloca que para compreender a figura do encantado seria necessário à pessoa externa à região presenciar uma sessão de cura de pajelança cabocla.

Numa sala relativamente ampla reúne-se a assistência, juntamente com o doente e, eventualmente, outras pessoas que desejam fazer uma consulta. [...] Depois que todos chegam, a casa toda fechada, o pajé começa dizendo várias orações, dirigidas a Deus e aos santos católicos, geralmente diante de imagens. Pode já estar vestido com roupas especiais (mas não muito diferentes das que se usa no cotidiano), envergando suas cintas passadas pelo corpo. Em seguida, segurando as pensa, o maracá e o cigarro tauari, sentado num banco ou numa rede de dormir, ele começará a receber os encantados, que nele se incorporam, sucessivamente. [...] Ao receber os encantados, o pajé agita o maracá, respira de forma ruidosa, cumprimenta os parentes, levanta-se, canta e dança pelo recinto.[...] Num dado momento baixa um encantado especial, que chama o doente para ser tratado. O ritual atinge seu clímax. Geralmente o doente é colocado sentado em um pequeno banco do centro da sala e a ele o pajé, incorporado, aplica um passe. O doente é defumado com cigarro de tauari, que se fuma ao contrário dos cigarros comuns, colocando-se a brasa dentro da boca e soprando-se baforadas de fumo sobre as partes afetadas pela doença. [...] O encantado, falando pela boca do pajé, conversa com o doente, pergunta-lhe coisas sobre a doença ou sobre assuntos triviais. [...] Depois de vários procedimentos rituais, o pajé prescreve a sua receita: banhos, chás, defumações, remédios da terra ou do mato (ervas, raízes, folhas, etc, sob várias formas de preparo ou “de farmácia” a serem comprados no comércio. (Maués, 2010, p. 185-6).

É comum, principalmente no interior, a organização de rezas do terço de casa em casa, a visita da imagem de um santo peregrino na casa de seus devotos que creem que o mesmo realiza milagres e que sua visita à residência favorecerá a família. Até certo ponto a igreja dá aval a essas manifestações, mas quando o sobrenatural se faz presente, entra em ação a fé popular que é responsável pela perpetuação de crenças, tradições e dogmas nem sempre aprovados pela Santa Sé.

Eventos como Semana Santa, Dia de Finados, Dia do Padroeiro ou padroeira da cidade/comunidade são ressignificados e ganham ritos que extrapolam a liturgia da Igreja como, por exemplo, na Sexta-Feira Santa, quando não se come carne para honrar o sangue de Jesus, o qual foi derramado. Em determinados povos e comunidades distantes e mais isoladas, além da restrição ao consumo de carne, outras práticas são adicionadas, tais como: nada é feito dentro de casa, não é ligada TV ou rádio, não se varre o chão, não pode sair para pescar ou caçar (Maués, 1995).

Qual o fundamento litúrgico disso? Nenhuma explicação lógica se pode invocar. Percebemos, em verdade, o imaginário de que a prática de sacrifícios e restrições honraram a morte de Jesus e, aqueles que negligenciam tais tradições pagam um preço. Sair para caçar ou

pescar na Sexta-Feira Santa fará com que espíritos maus persigam a quem estiver descumprindo esses tratados sociais, bem como possibilitará que bruxas e outros seres se façam presentes na vida da comunidade.

Essa discussão é facilmente transposta para o contexto Amazônico, onde a surgimento de práticas criativas de estabelecimento de significados é comum, os quais nem mesmo pode ser localizada no tempo. A região amazônica é constituída por territórios de nove países da América do Sul (Brasil, Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e Guiana Francesa), totalizando uma área de 7 (sete) milhões de Km², dos quais cinco milhões e meio de Km² são cobertos pela floresta tropical.

Trata-se de um território criado a partir de uma teia, essa amarração ligada pela mata, animais e pelas águas, é berço de um universo de sentidos e leituras particulares, as quais produzem formas e modos de viver e de atribuir significados. Acionamos o mapa a seguir, porque nos remete sempre para esse universo próprio que é a Amazônia e suas entranhas, onde as águas se enraizaram na medida que perfura o território em direção ao interior do continente. Vejamos:



Fig. 01. Mapa da Amazônia séc. XVIII. Fonte: Amazônia Latitude.

No Brasil, a Amazônia é delimitada por uma área denominada “Amazônia Legal” ou “Amazônia Brasileira” e corresponde atualmente à área dos Estados da Região Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), acrescidos da totalidade do Estado do Mato Grosso e dos municípios do Estado do Maranhão. Esta grande área detém

aproximadamente 5.020.000 km² (IBGE, 2023), que ocupa 54% do território brasileiro, constituindo-se o maior bioma terrestre do país.



Figura 1 – Mapa da Amazônia Legal Fonte: IBGE, 2021.

Nesse território, convivem diversas populações tradicionais e indígenas, as quais vem demandando o reconhecimento e respeito efetivo do Estado Brasileiro, organizando-se para demandar a elaboração e implementação de políticas públicas voltadas ao reconhecimento de suas culturas e modos de vida, assim como investimentos em serviços básicos como educação, saúde, segurança, entre outros.

Para fins de localização do leitor, apresentamos o próximo mapa, para que este se localize geograficamente na conexão entre Amazônia, Estado do Amazonas e a cidade de Manacapuru, onde vamos encontrar, mais adiante o nosso interesse de estudo.



Dentre os traços sociais que mais marcam a estrutura das comunidades tradicionais está a sua ligação com o sagrado e aqui vamos discorrer a respeito dessa ligação considerando os elementos étnicos e raciais que compõe a sociedade amazônica, particularmente agora, observando a região do estado do Amazonas e, mais especificamente, de Manacapuru.

A ligação com o sagrado oriunda dos povos indígenas está intimamente ligada à natureza, às suas manifestações, ao contato com os ancestrais e a práticas de cura que recorrem ao conhecimento de ervas e outros elementos. A relação dos povos indígenas com a natureza e com a floresta é emocional, lá estão enterrados seus antepassados, suas histórias se passaram lá e há a sacralização do local.

Os negros que vieram de outras províncias, escravizados ou não, manifestavam sua crença nos orixás de maneira sincrética com o catolicismo e as crenças indígenas, características do que hoje conhecemos como Jurema, Tambor de Mina e Umbanda.

A presença portuguesa legou à cidade as raízes católicas presentes nos distritos e pequenas comunidades com suas festas destinadas aos santos padroeiros de devoção da comunidade onde ritos sacros e profanos se juntam para realizar a louvação ao sagrado de uma

forma diferente. Modernamente a presença de igrejas neopentecostais vem modificando alguns hábitos e crenças do município numa tentativa de recristianizar hábitos e converter adeptos de outras religiões a abraçar a fé protestante/evangélica.

No livro, Santos e Visagens (1955), o autor Eduardo Galvão discorre sobre a vida religiosa de uma comunidade rural do Baixo Amazonas, à qual dá o nome fictício de Itá, durante a década de 1950. O que nos chama atenção em seu texto é a grande semelhança dos componentes organizacionais dos cultos e das festas dos santos, principalmente Santo Antônio e São Benedito naquele lugar, com os festejos de Santo Antônio da Terra Preta: irmandade, promesseiro, obrigação, empregados, folia, foliões, mordomos, juízes, mastros, instrumentos confeccionados com produtos regionais, músicas, procissão fluvial, relação dos empregados afixada na parede da igreja, preparação de comidas variadas são alguns dos componentes das festas dos santos em Itá e também em Manacapuru. (Fernandes, 2016).

As lutas dos povos amazônicos ampliaram significativamente sua agenda política, contribuindo para revelar novas facetas da diversidade da experiência social, política e cultural, bem como novas estratégias para a emancipação social. Se não houver uma valorização dessas lutas, sua invisibilização se tornará predominante, influenciando negativamente no horizonte global de emancipação social desses povos.

As artes “médicas” das sociedades tradicionais são essencialmente mágicas e as causas das doenças são sobrenaturais, vingativas ou punitivas. A violação dos tabus, por exemplo, pode provocar como castigo uma alteração na saúde do culpado. Ou então, é a maldição que se abate, lançada por um ancestral morto ou por um vivo rancoroso. A alma do doente pode ter sido roubada e, nesse caso, a cura só pode ser efetivada quando essa alma for restituída. Ou então, o espírito maligno introduziu-se no corpo atormentado, e este é às vezes até totalmente possuído (Dall’ava-Santucci, 2005).

Quem está encarregado de libertar a vítima? O “curandeiro/a”,. Este entra em contato com a forças ocultas, em longas seções de transe e êxtase, para descobrir as razões da desordem constatada e, depois, a natureza dessa desordem: alma roubada, habitação nefasta do corpo, ou outra coisa qualquer.

No que diz respeito aos remédios, o clã solidário vai ter que participar. Aqui, a doença não é individual. Ela atinge todo o grupo por intermédio de um de seus membros. E esses membros devem se unir para expulsá-la.

O medo das forças malignas incita a buscar proteção em amuletos, tatuagens e talismãs variados, mas também na higiene do corpo e do hábitat, o que representa um começo de profilaxia. Diante do mal, empreende-se uma espécie de etiologia (busca da causa) e um diagnóstico, mesmo que este não seja verdadeiramente ligado à fisiologia! Quanto à terapêutica, ela não se limita às cerimônias rituais: utiliza os efeitos das plantas que, entretanto, é melhor misturar sob encantações.

As curandeiras são tão numerosas quanto seus homólogos masculinos, às vezes até mais. Seu prestígio varia de acordo com o tipo de sociedade na qual elas vivem. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas (Louro, 2001).

Apenas assim se entende a razão pela qual a ciência continua a gerar uma tal confiança, mesmo sendo o conceito de objetividade científica um dos mais contestados, seja em termos de métodos ou resultados, seja em termos de fidelidade aos fatos, perante a cada vez maior falta de autonomia da comunidade científica em relação aos poderosos compromissos e condicionalidade normativas extracientíficas (Santos, 2009, p. 73). Não se pode esquecer que a ciência tem como base o senso comum e as práticas sociais empiricamente constituídas, as quais, são incorporadas, filtradas e reorganizada através dos métodos e das explicações lógicas.

Os conceitos universais autoproclamados enquanto razão, racionalidade, natureza humana e mente humana, possuem também a sua antítese, que seria a irracionalidade, superstição, primitivismo, misticismo, pensamento pré-lógico e emotivismo.

Para Monteiro (1990), a “simpatia” designa essencialmente uma relação de afinidade entre coisas e seres. Nessa concepção abrangente, todo ato mágico é regido pelas leis da simpatia. Existem basicamente dois tipos de relações simpáticas: as relações de contiguidade e as relações de similaridade.

1. Lei de contiguidade: “coisas que estiveram em contato continuam unidas”, isto é, continuam, mesmo a distância, a agir uma sobre a outra;

2. lei da similaridade: “o semelhante produz semelhante”, isto é, o efeito se parece com a causa que o produziu. (Montero, 1990, p. 22).

A lei de contiguidade implica que tudo que entra em contato de uma maneira ou de outra com a pessoa passa a fazer parte integrante de sua totalidade. Assim, o princípio da contiguidade se expande dos elementos do corpo (unha, cabelo, dentes) para elementos externos ao corpo, mas que de algum modo se comunicam com ele.

Na lei de similaridade, a magia imitativa põe em relação às imagens dos fenômenos. Dois elementos que se assemelham são considerados capazes de influir um sobre o outro. Essa relação, que se estabelece por uma similaridade icônica, esconde dois princípios fundamentais que importa distinguir: “o semelhante evoca o semelhante”; “o semelhante age sobre o semelhante, e particularmente cura o semelhante”.

As populações influenciadas por diversas características locais fazem releituras particulares a partir da religião. O Catolicismo deixado pelos portugueses encontra sua versão popular e aqui bastante particular, imbricando-se com outras matrizes. As chamadas festas de santo, apresenta-se como um componente lúdico que lhe é inseparável e que, a despeito das tensões que provoca na sua manifestação, permanece sempre presente conferindo à festa uma importância toda especial (Maués, 1995).

O devocional aos santos católicos gerou uma série de festas dedicadas aos santos padroeiros que, em sua grande maioria, depositam maior importância nos festejos do santo envolvendo danças, brincadeiras e, muitas das vezes, bebedeiras, do que nos atos litúrgicos em si. Essa releitura da fé católica presente no ato do festejo não se limita apenas a esse momento, como veremos mais adiante.

Devemos sempre ter em mente que o amálgama da sociedade que compõe as comunidades amazônidas até o início do século XVII é composto por diversos elementos humanos como indígenas, caboclos, portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses, negros vindos fugidos de outras regiões ou mesmo libertos vindos para a extração do látex (os chamados cearenses) e muitas outras populações migrantes que vieram mais tarde a compor a colcha de retalhos da sociedade surgida na floresta (Benchimol, 2009). Práticas sincréticas, que associam imagens e santos cristãos, encontram na Amazônia um espaço rico de transformação e reificação de práticas religiosas, fundamentando variações diversas.

Segundo Benchimol (2009), a Amazônia antes de Orellana era indígena e passou a ser Lusindígena quando de sua colonização. Contudo, a presença de outros componentes europeus na região deixou igualmente sua contribuição. Espanhóis, Ingleses, Franceses e Holandeses também tentaram se apossar da região e estabelecer colônias lucrativas que forneceria produtos para a metrópole europeia.

[...] em 1683, o Suriname foi vendido a uma empresa, a Sociedade do Suriname, que investiu e deu novo impulso ao território. O governador Aerssen van Sommelsdyck, homem de grande experiência administrativa, um dos sócios da empresa, organizou a colônia, abriu novas áreas de colonização, atraiu capitais de comerciantes de Amsterdã e garantiu o suprimento de braço escravo [...]. (Souza, 2019, p. 121).

A diversidade cultural e religiosa dá à Amazônia características únicas em sua religiosidade conferindo à prática da fé um modo particular e único exercido de diversas formas, entre elas, os benzimentos, rezas e defumações das benzedadeiras tradicionais.

1.4. MITOLOGIAS E A RELIGIÃO

Em um tempo onde a Ciência ainda não existia e a humanidade dava seus primeiros passos para a organização das sociedades a única forma de explicar o início de tudo, de onde viemos e para onde vamos depois da morte física era através da mitologia. Vista por muito tempo como superstição o tema mitologia tornou-se foco de estudos e meio de compreensão do pensamento de sociedades tradicionais ao redor do mundo. Lèvi-Strauss, Joseph Campbell, Mircea Eliade e vários outros estudiosos se dedicaram e dedicam a compreender o universo mitológico dessas sociedades mostrando que acima de tudo o ser humano é fruto de suas experiências e as mesmas são construídas coletivamente e mantidas por fios que os ligam à sua ancestralidade através dessas histórias. (Lima, 2016).

Para Mircea Eliade (2013), o mito conta uma história sagrada e relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial do princípio narrando as façanhas de entes sobrenaturais ou fragmentos de histórias sendo sempre a narrativa de uma criação. Durante muito tempo o termo mitologia esteve associado à superstição e à imaginação, deixando sua importância como elemento de identidade étnica e cultural de lado (Lima, 2016).

A adoção de jornadas de trabalho, instituição de uma estratificação social diferente, bem como a subversão de conhecimentos e crenças gerou a perda de conexão com a ancestralidade e favorece o domínio europeu. Nesse sentido, a chegada do cristianismo causou a demonização das crenças nativas, fundamentadas na percepção da natureza como responsável pela

manutenção da vida humana sobre a terra. Deuses ligados às principais manifestações da natureza, como o Nhãpilikuli, grande legislador dos povos Aruake, ou Periporiwë, ou Suhirina, entre outros tantos, foram demonizados pelo colonizador e substituído pela doutrina cristã (Lima, 2017).

Para compreendermos melhor quem são esses missionários religiosos que passaram a atuar na região e a interferir diretamente no dia-a-dia dessas populações faremos aqui um breve resumo de sua história. Fundada por D. João Bosco no ano de 1869 em Turim na Itália, a Pia Sociedade de São Francisco de Sales ou Congregação Salesiana teve o objetivo original de resgatar das ruas os jovens e crianças que vieram do interior do país com suas famílias por conta do êxodo rural e foram relegados a passar fome. Vítimas da industrialização e do capitalismo no final do século XIX esses jovens encontram nas mãos dos salesianos a oportunidade de abrigo, educação e formação profissional sendo dessa forma integrados à sociedade, sendo que o foco principal da Ordem era a educação. No Brasil a ação salesiana junto às etnias indígenas tem início no final do século XIX, no Mato Grosso, onde a ordem funda uma missão para se instalar junto aos Bororo. Em 1915 D. Balzola, que dirigia a missão, é mandado para São Gabriel da Cachoeira – AM a fim de estabelecer as primeiras missões na região. O intercâmbio missionário era intenso e uma vasta literatura foi produzida por eles. (Lima, 2016)

A demonização das crenças tradicionais ocasiona a adoção de novos ritos e a adaptação dos mesmos às práticas ancestrais de cura, de benzimento para caça, pesca, plantio e colheita de alimentos tradicionalmente produzidos por essas populações.

Estruturas sociais se readaptam e são colocadas à prova. As antigas casas sagradas são destruídas e as ligações de parentesco e colaboração são reestruturadas mediante a influência dos indivíduos externos.

Depois de conviver com esses povos percebo que o papel que cada um deles exerce dentro do contexto regional é essencial para a manutenção do equilíbrio entre as etnias. É inegável o papel dos não indígenas na atual reconfiguração das relações étnicas regionais. O impacto do não indígena nessas culturas nativas por vezes quase as eliminou por completo, mas, em dado momento, houve o despertar para a necessidade de prosseguir lutando por suas tradições. (Lima, 2016).

Os povos tradicionais baseavam suas crenças em sua relação com a natureza e sua cosmogonia e mitos criacionais, o que nos mostram a importância dessa convivência e da observação dos elementos, tais como o movimento do sol, da lua, das constelações, sua ascensão e o movimento de outros astros, tudo era sagrado e merecia reverência.

Segundo Bessa Freire (2008), as populações indígenas que habitavam a várzea conheciam o ciclo do rio (enchente-vazante) e a partir daí programavam a semeadura e a colheita, além de técnicas de armazenamento. Mandioca, milho, algodão, tabaco e frutas provindas da fertilidade da várzea contribuiu para a diversificação desses produtos bem como

pela fartura da caça, pesca e coleta. Dessa forma, a várzea é muito mais habitada do que a terra firme que exigia cuidados diversos fazendo com que ocorresse o deslocamento das comunidades em virtude do esgotamento do solo da terra firme. Neste sentido, torna-se um equívoco ver os povos da Amazônia apenas como caçadores coletores. A abundância de alimentos é, certamente, fruto da agricultura que segundo os arqueólogos remonta a 9.000 anos antes de Cristo (Lima, 2016).

Ao longo de mais de 300 anos de escravidão no Brasil, a formação social, política, econômica e religiosa se juntou à miscigenação das três matrizes étnico-raciais que compõe a sociedade brasileira (Silva et al., 2020). Dessa miscigenação resulta inúmeras manifestações culturais e, no campo religioso, as religiões de matriz Africana celebram a ancestralidade da África e cultuam, igualmente, a herança brasileira na figura de caboclos, boiadeiros, pretos-velhos (Ortiz, 1988). A produção religiosa vai se expandindo e é também marcada pela diversidade afro, fundamentando novas liturgias e manifestações (Silva et al., 2020).

CAPÍTULO 2

CIVILIZAÇÃO, SOCIEDADE, RELIGIÃO E GÊNERO

2.1 CIVILIZAÇÃO E SOCIEDADE

Desde que o homem desenvolveu suas habilidades e passou a conviver em grupos estabeleceu-se, então, um vínculo entre os indivíduos. Papéis de atuação para manutenção da segurança e perpetuação da espécie foram estabelecidos dentro desses grupos. Homens caçam e pescam, mulheres cuidam da lavoura e da criação dos filhos (Eliade, 2008).

A civilização, como conhecemos hoje, teve seu início há pelo menos 10.000 anos na Mesopotâmia (Crescente Fértil) onde hoje encontramos o Iraque, parte da Turquia, parte do Egito e Irã. Essa estrutura em que a figura de um rei entronada pelo poder divino e toda uma ritualística religiosa que legitima seu poder, deu origem à civilização como conhecemos, contudo, outros povos igualmente desenvolveram suas estruturas civilizacionais e desenvolveram laços, criando sociedades igualmente evoluídas e imponentes onde a figura de um líder cujo poder fora dado pelos deuses perpetuou sua presença e a de seus descendentes no poder.

Civilização é o termo que designa as culturas praticadas na cidade. Cidade designa um tipo de sociedade, grande e complexa, em contraponto com sociedades pequenas, “primitivas”. Tanto as grandes sociedades quanto as pequenas têm cultura. É preciso, primeiro, compreender o significado de cultura, para só depois fazer considerações sobre a cultura da cidade. As pessoas agem buscando afirmar, mais e melhor, o seu viver. E esse agir, se favorece suas pretensões, tende a se firmar como costume, gerando um modo compartilhado de proceder. É preciso pensar esse agir desde as formas mais básicas, como alimentação, habitação, segurança, reprodução sexual, até as mais elaboradas, como a etiqueta, o pensamento filosófico, a organização social etc. Todo agir visa à sobrevivência em termos de duração e em termos de qualidade. (Paiva, 2012. p. 307).

Diversas outras civilizações surgiram em outros pontos do mundo e, elencaremos aqui algumas delas como a civilização Inca. Segundo Rolim e Carvalho (2007) é possível perceber que a organização social do povo Inca, por exemplo, era legitimada pela religião.

É importante perceber que com a conquista inca, a propriedade da terra deixa de ser comunal e passa a adquirir um caráter de simples posse e uso da população local. Neste contexto, novas formas de apropriação do excedente agrícola são instituídas fundamentando a exploração e subordinação estatal. A mita, que antes era própria da comunidade passa a ser desviada para as terras apropriadas pelo Estado. Com a

conquista, a mita não é mais exercida somente nas terras do *kuraka* 4 e do *Huaca* e passa a ser também realizadas nas terras do Inca e do Sol. Com isso, o camponês passava não só a ter obrigações com o líder local, mas também a manter toda a burocracia do Estado. Embora mantendo o culto aos deuses locais, o Estado incorpora o culto ao sol e seu filho o Inca, o qual os aldeãos devem oferecer trabalho. Essa imposição ao culto ao deus sol pelos incas aos diferentes ayllus representava a formação de práticas religiosas e culturais comuns nas diferentes partes do império e também a aceitação e imposição de um deus supremo sobre os demais deuses locais, organizados hierarquicamente abaixo do deus Sol. (Rolim e Carvalho, 2007)

Cabe aqui um registro sobre a civilização egípcia que, assim como a mesopotâmica, deu origem a conceitos e estruturas sociais que foram adotadas por gregos e romanos culminando na configuração da civilização ocidental de hoje e, consequentemente, das sociedades que a constituem.

Heródoto, um grande historiador e geógrafo grego que viveu no século V a.C., escreveu, particularmente sobre o Egito, que o mesmo representava uma “dádiva do Nilo” [1]. De fato, a organização da sociedade egípcia foi pautada no aproveitamento das águas do rio Nilo[...]Possui fronteiras a Oeste com a Líbia, ao Sul com o Sudão, a Leste com Israel e a Arábia Saudita, sendo este último separado pelas águas do golfo de Aqaba e do mar Vermelho. O mar Mediterrâneo banha as costas setentrionais e recebe as águas do Nilo, através de vários braços que compõem o chamado “Delta do Nilo”, uma planície com morfologia triangular, com cerca de 160 km de comprimento e 250 km de largura. A saga milenar desta civilização começa por volta do quarto milênio antes de Cristo, onde povos nômades organizados em dois reinos (ao Norte, o Baixo Egito no Delta do Nilo e ao Sul, o Alto Egito no vale do Nilo) que foram unificados por Narmer (ou o seu sucessor), considerado o primeiro Rei (Faraó) da Primeira Dinastia (algo entre 3100-2800 a.C.) e fundador do Egito faraônico.[...] O antigo Egito possuía um eficiente sistema administrativo que proporcionou a construção de um engenhoso sistema de canais (ligados às águas do Nilo) para irrigação das plantações, de incríveis monumentos piramidais, estátuas e templos que resistem até os dias atuais. Em adição, também possuíam satisfatórios calendários (três por volta de 2500 a.C.) para organização das atividades sociais, religiosas, econômicas, culturais e festivas. Portanto, eram hábeis na medição do tempo e no trabalho com as pedras calcárias, que eram abundantes no vale do Nilo. (ROCHA-POPPE; FERNANDES MARTIN et. al; 2022)

O papel dos gregos na estruturação da sociedade ocidental é de extrema importância. A história da Grécia inicia-se no período pré-homérico, por volta de 2000 a 1200 a.C. Esse período abrigou civilizações como a minoica e a micênica e o nascimento da *polis* (Martin, 1998) e fundamenta as bases da sociedade ocidental através da expansão do Império de Alexandre Magno e, posteriormente, do Império Romano que adotou inúmeras tradições dos gregos (Esposito, Pollini, 2018).

Tradicionalmente historiadores dividem a história da Grécia em 5 períodos sendo o Arcaico e o Clássico correspondem ao auge dessa civilização tendo o ponto mais importante desse período a criação das *polis*.

Em 338 a.C, Felipe II da Macedônia conquistou a Grécia e seu filho, Alexandre Magno, dois anos depois torna-se rei e expandiu os domínios pelo Oriente derrotando os persas. Por ser um povo helenizado os macedônios foram responsáveis por difundir a cultura grega. Após séculos da morte de Alexandre Magno o Império Romano conquista a Grécia. Ao período que antecede o Clássico temos a Civilização helenística, através dos macedônios, difundindo mundo a fora a cultura grega (Sales, 2005).

Como bem a definia John Ferguson, a idade helenística «é uma época que brota do passado e aponta para o futuro»¹⁰. No mesmo tom e posicionamento epistemológico, Pierre Lévêque concluiu: «as instituições helenísticas estão carregadas de futuro, tanto no plano dos factos, como no da ideologia»¹¹. Esta classe de investigadores esforçou-se por «reabilitar» a Época Helenística e o seu estudo, procurando detectar os múltiplos vectores que nela convergem e que dela divergem. Se há na civilização helenística continuidades e fidelidades em relação à tradição helénica, há também, realmente, inovações e o aparecimento de novos elementos virados para o presente e para o futuro. Se a difusão do grego, sob a forma da sua língua comum (koiné), a adopção das técnicas gregas (bancos, artesanato, comércio, escultura) e o desejo dos orientais de receber educação grega, motor de ascensão social, constituíram vectores essenciais da «helenização» do Oriente e do mundo antigo, o contacto directo com as antigas civilizações dos Persas, Babilónios e Egípcios, pelas suas antiguidade, mistério e espiritualidade, tornava os Gregos particularmente sensíveis a esses elementos e à aura, real ou imaginária, do seu prestígio. (Sales, 2005)

[...] A descoberta de terras que completavam as secularmente conhecidas originou tensões que acarretaram especulações, as quais, aos poucos vão sendo aglutinadas em temas que se cristalizam em torno de uma expressão: a raça humana. Motivo de enormes controvérsias, essa expressão acompanha os séculos, oriunda dela constroem-se ciências, especula-se a natureza para atingi-la, aceita-la ou refutá-la a partir do prisma da sociedade que conheciam, ou seja, a dos próprios questionadores, atitude que origina nova visão desfocada. [...] (Gondim, 2007)

As sociedades que surgiram a partir das civilizações que se espalharam sobre o planeta trouxeram a humanidade até aqui.

2.2 CIVILIZAÇÕES E SOCIEDADES NA AMAZÔNIA

Durante o regime militar a Amazônia torna-se foco de expansão e uma grande quantidade de pessoas migrando da região sul para o norte a fim de ocupar o grande “vazio demográfico” que lá existia. Esse “vazio demográfico”, na verdade, fazia parte de uma estratégia do regime para desacreditar os nativos da região da condição de pessoas capazes de defender nossas fronteiras. A presença do não-indígena conduzindo os destinos da região culminaram com a morte e destruição de muitos indígenas e a perda de suas tradições.

A Amazônia é complexa e compreende um conjunto de tradições, valores, crenças atitudes e modos de viver que determinaram a organização social e os sistemas de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais responsáveis pela subsistência econômica da região (Benchimol, 2009).

Segundo Eduardo Góes Neves (2006) a Amazônia é, para muitos, uma das últimas fronteiras inexploradas do planeta com sua natureza intocada, contudo, a arqueologia mostra que essa é uma falsa premissa.

Ao examinar mapas de distribuição das terras indígenas na Amazônia contemporânea e compará-los com mapas de distribuição de sítios arqueológicos, nota-se que a ocorrência destes é mais ampla que daquelas [...] De meados do século XVI ao início do XVII, quando os primeiros europeus visitaram ou se estabeleceram na Amazônia, era comum a referência à presença de grandes aldeias, algumas ocupadas por milhares de pessoas, integradas em amplas redes regionais de comércio e em federações políticas e regionais. (NEVES, E.G. 2006)

A Amazônia, portanto, possui circulação humana e estrutura social há muito mais tempo do que se supunha. Os europeus quando aqui chegaram ficaram perplexos com a grandiosidade das matas e rios, com a fartura nas águas e com as sociedades tribais que aqui já existiam. Nas palavras de Neide Gondim a respeito da penetração dos europeus durante a expedição de Orellana na Amazônia através dos grandes rios (2007):

O primeiro documento que se conhece sobre a penetração do europeu no maior rio da Amazônia, data de 1541-2 e foi redigido pelo dominicano frei Gaspar Carvajal [...]. No início de 1542 ouvem tambores e dias depois veem uma povoação e a atacam. A fome aumentava a coragem. Os conhecimentos rudimentares daquela língua permitem a comunicação de Orellana com os nativos, que os suprem com tartarugas, perus, manatis, perdizes, gatos, pescados e monos assados. Diante de treze caciques, presença exigida pelo capitão, Orellana toma posse das terras em nome da Coroa Espanhola[...]. (Gondin, 2007, p. 97-9).

O fato narrado acima marca o início do domínio europeu sobre os povos da Amazônia e, como consequência, a perda de tradições milenares que foram demonizadas pela cultura judaico-cristã adotada pelo colonizador. Em nome da Coroa Espanhola e da Igreja Católica a religião tradicional dos povos da região foi reduzida a culto satânico e tida como algo inferior, bem como a língua e os costumes dos povos. Para sobreviver a essa agressão os povos adaptaram-se, não sem luta, ao convívio com o colonizador. Suas sociedades se reinventaram e, a partir daí, uma nova configuração social, política e religiosa se desenhou na região (Lima, 2016).

2.3 RELIGIÃO NA AMAZÔNIA

Segundo Pacheco (2013), a Amazônia constituiu-se ao longo de sua colonização e formação sociocultural e histórica em um importante território de crenças, saberes, curas e relações interculturais.

Crenças, afetividades, respeitos, regras, normas, princípios, hierarquias, solidariedades, aspectos constituintes das cosmologias religiosas indígenas, cristãs, africanas, expressam valores com os quais populações locais, sem apartar religiosidade de natureza, construíram um panteão afroindígena e interagiram com suas entidades em territórios amazônicos. (Pacheco, 2013)

A presença portuguesa e espanhola legou à Amazônia as raízes católicas presentes nos municípios e pequenas comunidades com suas festas destinadas aos santos padroeiros de devoção da comunidade onde ritos sacros e profanos se juntam para realizar a louvação ao sagrado de uma forma diferente (Maués, 2007). A miscigenação racial ocasionou também a mistura de tradições religiosas em que a teologia cristã tradicional convive com a herança das crenças xamânicas dos povos indígenas bem como traços das tradições africanas trazidas pelos escravizados africanos para as terras brasileiras.

Como parte fundamental da composição sociocultural de uma população, a religião permanece como item extremamente importante para o estabelecimento de regras sociais e controle social dos indivíduos. A presença dos não-indígenas na região obriga a uma adaptação das manifestações. O sagrado passa a ser influenciado por rezas, novenas, velas, fitas e figuras sacras como anjos e santos que, ao lado de encantados e da cosmogonia indígena e dos orixás africanos passam a compor a nova religiosidade amazônica.

Nesse contexto amazônico daremos especial destaque aqui à presença dos encantados e, em especial, das três irmãs turcas no sagrado regional. Valemo-nos do relato de conversas informais que tivemos com pessoas da região de Manacapuru durante nossa pesquisa.

Os encantados são espíritos de pessoas que estiveram encarnadas e que não passaram pela morte física sendo “encantados” ainda em vida e levados a reinos e terras distantes. No imaginário da região Norte os encantados são uma realidade e fazem parte do sagrado tendo como personagens de grande destaque as irmãs turcas que foram “encantadas” na Praia dos Lençóis, no Maranhão, onde chegaram depois de atravessar um portal mágico.

Rei Sabá é um encantado antigo, que tem na pedra um de seus territórios, sem deixar de se movimentar para outras localidades. Uma das moradas mais famosas do rei encantado fora do Pará é a praia e a ilha de Lençóis, no Maranhão. Da maneira como nos foi contado, o rei tem uma ligação muito próxima com as princesas encantadas, Cabocla Mariana, Tóia Jarina e Cabocla Herondina. Essas entidades, assim como Rei Sabá, são centrais para a vida dos terreiros e das pessoas com quem convivi. Elas são vivas, no sentido em que se movimentam e fazem parte do cotidiano de algumas pessoas de Pirabas. Por isso, a convivência é umas de nossas chaves de entrada e de mergulho em Pirabas. (VERAS, H.S. 2022)

Segundo lendas amazônicas as irmãs Herondina, Jarina e Mariana, filhas do rei mouro, foram colocadas em um barco na costa norte da África com destino a um país aliado com o objetivo de protegê-las dos resultados da guerra entre seu reino e o reino de Portugal. Nessa batalha o rei Dom Sebastião desapareceu, segundo o que acreditam os seguidores dessa crença, o rei foi “encantado” assim como as princesas turcas que nunca chegaram ao seu destino vindo parar na costa brasileira e tornando-se seres “encantados”.

Cada uma das irmãs trabalha com uma especificidade. Dona Mariana era a que tinha liderança entre as irmãs e é tida como a rainha das curandeiras nunca perdendo suas características de turca, contam que a bela turca tem como animal de estimação a arara. Sua irmã Herondina foi a primeira que se “ajuremou”, ou seja, entregou-se à nova realidade e adaptou-se tornando-se a Cabocla Herondina, a irmã mais braba das três e a mais aguerrida. Jarina, ou Toya Jarina é a mais nova das três e é conhecida por trabalhar pela harmonia familiar, pela união dos casais.

Essa diversidade religiosa e mágica da Amazônia permeia o fazer sagrado daqueles que se dedicam, de alguma forma, a ligar ou religar o ser humano à sua essência.

A presença da mulher no sagrado é importante e essencial para que os cultos e a ritualística possam ser perpetuados seja qual for a vertente religiosa, a presença feminina contribui para a manutenção das tradições na região de Manacapuru. A partir desse ponto podemos fazer considerações a respeito da presença da mulher no sagrado.

2.4 GÊNERO: MULHERES E O SAGRADO

A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão foi enganado,

mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. (1 Timóteo 2:11 – 15)

A mulher no nascimento da igreja cristã ocupa uma posição de pouco destaque sendo colocada como pessoa a ser conduzida pelos dirigentes religiosos. Com a adoção do cristianismo como religião oficial do império Romano maior se torna a distância entre a teologia cristã e a presença da mulher.

Na Idade Média as mulheres que não se encaixavam nas premissas da religião cristã e que dominavam conhecimentos ancestrais do uso de ervas e rezas foram enquadradas como bruxas, feiticeiras e pessoas a serem combatidas pela Igreja.

As mulheres como uma ameaça e uma negação da continência foram mostradas como armadilhas demoníacas, e a percepção do feminino, que foi obstinadamente construída pela Igreja e interiorizada nas estruturas sociais do Medievo, serviu da mesma maneira para a construção da imagem da bruxa. Para Kramer e Sprenger (1984), buscar as recompensas demoníacas atraía, especialmente, a mulher; por isso, a obra desses autores se empenhou em resgatar o processo de construção da imagem do agente do maligno, através do jugo masculino e da elaboração de novos estereótipos que justificassem os infortúnios que se abatiam então sobre os homens. Sendo considerada verdade a conexão entre o Diabo e as bruxas para a execução do mal, os autores procuraram suas origens no sexo entre humanos e especialmente entre mulheres e demônios, do qual se originou uma raça enfraquecida e ofensiva às leis de Deus. Segundo Kramer e Sprenger (1984, p. 322), embora não pareça que os homens fornicem assim diabolicamente com o mesmo grau de culpabilidade; porque sendo intelectualmente mais fortes que as mulheres, são mais capazes de abominar tais atos [...]. (Gevehr e Souza, 2014).

A perseguição a essas mulheres marcou um período obscuro da história da Europa e tornou a Santa Inquisição temida e respeitada. Por outro lado, a fé resultante do fluxo relacional entre sociedades diversas gera uma crença popular que diferia da teologia pregada pela igreja na Europa medieval.

[...] Os intelectuais eclesiásticos medievais estavam certos de que mulher era quem mais se entregava à bruxaria e às práticas mágicas, pois acreditavam que ela, seja na bondade seja no vício, não conhecia a moderação, poderiam ser ou virtuosíssimas ou afundar nos piores vícios (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 113). [...] Em linhas gerais, o padrão comportamental que regia a postura feminina na época medieval era determinado pelos didáticos cristãos, entre eles Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Baseados na interpretação das Escrituras, eles ditavam as normas para o procedimento da mulher no âmbito social, que era principalmente o familiar e privado. Neste ambiente, a mulher e os filhos estavam sujeitos ao poder e domínios masculinos. Dentro desta perspectiva, a primeira virtude a ser ensinada às meninas era a obediência, não convinha a elas saber ler ou escrever. (Pires, 2015).

Essas tradições foram trazidas para as terras colonizadas das Américas durante o domínio espanhol e português e amalgamando-se às crenças, usos e costumes da região geraram novas tradições sagradas.

As religiões ameríndias são compostas por crenças populares, pelo cristianismo popular (Maués, 2008) e suas manifestações de festas e devocionais além de agregar as crenças e mitos locais como Nhanderu, Ptchamama, Nhanpelikuli, Yaci.

2.5 AS BENZEDEIRAS E REZADEIRAS

A chegada dos europeus às terras americanas trouxe as práticas religiosas compartilhadas na Europa medieval onde crenças celtas, costumes de uso de ervas e unguentos normalmente empregados por mulheres que foram, em sua grande maioria, taxadas como bruxas durante a Inquisição. As práticas religiosas adotadas eram diferentes da teologia cristã aplicada na época.

Dentro desse contexto de fé popular a figura das benzedei­ras emerge com grande presença principalmente no interior. Benzedei­ras e rezadei­ras são pessoas que possuem conhecimentos e práticas tradicionais de benzer, rezar e fazer curas usando a espiritualidade e ervas. Através de suas rezas, orações e gestos simbólicos elas buscam proteção, cura física ou espiritual para quem as procuram. Muitas vezes, essas práticas estão associadas a crenças religiosas e são passadas de geração em geração.

As rezas e benzimentos podem ser utilizadas para diversas situações, como afastar o mal, promover a saúde, proteger contra inveja e maus olhados, picada de cobra, dores de cabeça, engasgo com espinha de peixe além de auxiliar em momentos de dificuldades e angústias. As benzedei­ras são respeitadas e procuradas por pessoas que buscam uma conexão espiritual e auxílio em questões que vão além do aspecto físico.

As tradições das rezadei­ras e benzedei­ras são passadas de geração para geração, normalmente de mãe para filha onde os segredos das rezas e rituais são passados como segredos de família. Muitas histórias a respeito dos feitos dessas mulheres são contadas e perpetuam sua fama Brasil a dentro.

Mas, onde surgiu essa tradição? Há registros de que as rezadei­ras sejam, também, uma herança portuguesa. Mulheres que dominavam conhecimentos sobre o uso de plantas e poções em um mundo onde não havia farmácias ou médicos para atender à população rural, as

rezadeiras portuguesas, desempenham um papel significativo na cultura tradicional de Portugal sendo conhecidas por suas habilidades e procuradas por pessoas em busca de ajuda espiritual, cura e proteção contra influências negativas.

Taxadas pela Igreja como bruxas, muitas dessas mulheres pereceram na fogueira da Inquisição, porém, as que sobreviveram perpetuaram suas tradições e mandaram para além do oceano o conhecimento das ervas, das rezas, dos cânticos e da evocação do sagrado.

Para compreendermos o papel desse personagem dentro da sociedade é necessário procurarmos informações a respeito do Sagrado Feminino. Nas palavras de Câmara (2020):

[...] Essa mesma representação empoderada da mulher pode ser apreciada nas mais diversas culturas dos mais diversos rincões do planeta, nos mais diversos momentos históricos - personificada em bruxas, feiticeiras, magas, meigas galegas¹, curandeiras, benzedeiras, mezinheiras, parteiras e rezadeiras², além de outras denominações que descrevem a mulher sábia, conhecedora dos mistérios da natureza, amparada por uma farmacopeia específica para curar e matar, atrair e repelir, livrar e condenar. [...] À luz de Suris (2015) e Coelho (2017), a arte da benção no Brasil iniciou-se na colônia, ainda no século XVI, quando para aqui rumaram rezadeiras portuguesas degredadas, fugindo da Inquisição em Portugal e que, uma vez em terras brasileiras, mesclaram sincreticamente seus saberes com o conhecimento medicinal autóctone, prestando seus serviços tanto a colonos quanto a colonizadores [...] (Câmara, 2020, p. 502-14).

Ainda segundo Câmara (2020), a cura pela intercessão feminina e o uso do Sagrado Feminino, modernamente, está ligada às tradições neoxamânicas como Wicca, mais até do que às tradições das antigas rezadeiras que se valem de rezas, chás e remédios e não possuem ritualística neopagã. Nas tradições neoxamânicas a mulher é cultuada e reverenciada como meio de comunicação com a Natureza, ser vivo, que através dela atua na vida das pessoas.

Conceição (2008) defende que a bruxa ancestral seguiu entre nós repaginada e camuflada sob outros nomes que fazem referência ao benzimento e à medicina popular que, segundo Santos (2015), utilizam-se de uma linguagem específica - verbal e não verbal - nos rituais de cura. Em vista disso, os consulentes que buscam uma rezadeira o fazem porque a consideram não somente uma curandeira, mas também uma conselheira. Essas mulheres tocadas pelo dom da cura são especialmente respeitadas em suas comunidades porque extrapolam o limite físico e dialogam com o etéreo. Conforme Moraes (2007), dom vem do latim *donum*, que quer dizer “oferta feita aos deuses”. Estendendo um pouco mais esse conceito, podemos afirmar que ele significa a “[...] oferta concedida por Deus a certas criaturas que se tornam dotadas” (MORAIS, 2007, p. 447). Santos (2007) e Araújo (2011) esclarecem que não são as rezadeiras que escolhem seu caminho: elas são escolhidas por e para ele. Uma vez triadas entre tantas mulheres de seu meio para esta missão que consideram nobre, elas sentem-se na obrigação de retribuir esse obséquio divino servindo de intercessoras entre a Espiritualidade e aqueles que as buscam. Normalmente, segundo Santos (2007) e Araújo (2011), o dom pode ser-lhes revelado por meio de uma visão, de um sonho ou

de um acontecimento sobrenatural, pela superação de um grande obstáculo ou pode ser-lhes transmitido por alguém que já o tenha e desenvolva - a fim de que seja continuado. (Câmara, 2020).

A tradição das rezadeiras em Portugal é profundamente enraizada na cultura popular e pode envolver uma combinação de elementos cristãos e práticas antigas dos povos celtas, druidas e outros traz práticas e crenças diferentes das utilizadas pelos povos da Amazônia.

Suas rezas muitas vezes incluem fórmulas tradicionais e gestos simbólicos destinados a proporcionar alívio para uma variedade de problemas, como doenças, mau-olhado, quebras de feitiços.

Essas mulheres que no passado eram tidas como bruxas, hoje em dia, são frequentemente respeitadas em suas comunidades locais e desempenham um papel importante na transmissão oral de tradições culturais, muitas das vezes são também parteiras e fazem o acompanhamento da gravidez de inúmeras mulheres fazendo às vezes de médico na hora de trazer ao mundo novas vidas no interior do Brasil.

Embora muitas das práticas estejam enraizadas na cultura popular e nas crenças religiosas, é importante notar que as rezadeiras podem variar em suas abordagens e que suas práticas podem se sobrepor a tradições mais amplas. Não podemos nos esquecer da presença celta na Península Ibérica e a influência que isso teve no surgimento da tradição das rezadeiras portuguesas.

Em Portugal, assim como em outras culturas, é possível encontrar uma variedade de crenças e práticas espirituais, e as rezadeiras desempenham um papel vital na preservação dessas tradições. Essas práticas, muitas vezes, refletem uma mistura única de influências religiosas, folclóricas e culturais que se desenvolveram ao longo do tempo.

2.6 O SAGRADO FEMININO NA LITERATURA

Cabe aqui fazermos a conexão do tema de nossa pesquisa e a Literatura tendo em vista que a mesma reflete o pensamento da sociedade onde se insere. Partamos do conceito de Literatura para, então, mergulharmos na questão da presença do Sagrado Feminino.

Etimologicamente a palavra literatura deriva do latim *litteratura* oriundo de *littera* - letra, tal conceito, está, portanto intimamente ligado à palavra escrita. (LOPES, 2021)

É na segunda metade do século XVIII que Voltaire caracteriza a literatura como forma particular de conhecimento que implica valores estéticos e uma particular relação com as letras. Na mesma linha de análise, não esqueçamos Diderot e a sua definição de literatura como arte e como o conjunto das manifestações dessa arte, os textos impregnados de valores estéticos. Diderot documenta “dois novos e importantes significados com que o lexema “literatura” será crescentemente utilizado a partir da segunda metade do século XVIII: específico fenómeno estético, específica forma de produção, de expressão e de comunicação artísticas (...) e corpus de objectos– os textos literários– resultante daquela particular actividade de criação estética” (SILVA, 2007: 6). Digamos então, à partida, que o fenómeno literário se traduz em duas dimensões: por um lado, a actividade de criação ou produção literária; por outro, o texto, o corpus textual de determinada colectividade, de determinado grupo, de determinada época.(LOPES, 2021.p 2)

Como manifestação artística a Literatura busca mostrar o que a sociedade em que está inserida pensa e vive. Em um mundo onde o mágico, o místico e o fantástico permeiam a cultura, os artistas que se valem da literatura usaram desses conceitos e ideias na elaboração de suas obras. Nesse sentido a presença do sagrado feminino está nas figuras das deusas da Mitologia Grega em *Ilíada* e *Odisseia*, nas Têjides evocadas por Camões em *Os Lusíadas* e inúmeras outras figuras sacralizadas como as senhoras do castelo que inspiravam o amor platônico dos trovadores, rainhas e donzelas, musas e ninfas, fadas e bruxas.

[...] Para se desvelar a Deusa mítica na literatura ocidental, torna-se necessário buscar suas imagens e seus significados nas civilizações primitivas e nas antigas religiões de mistérios, particularmente, no Egito, na Grécia e em Roma, assim como para se compreender a sacralidade feminina na poesia medieval, romântica, parnasiana, simbolista, etc. é mister evidenciar a imagem da Grande Mãe Celeste amada pelos católicos cristãos que serviu de modelo para a construção da figura da Dama e da Senhora no trovadorismo e no Renascimento.[...] (Ribeiro, 2012)

O Sagrado e o Divino estão presentes na Literatura trazendo arquétipos e simbologias e como tal a representação dos mesmos perpassa a vida das pessoas representando suas vivências, suas crenças, seus mitos e medos.

No princípio, a literatura exerceu muito bem as funções pragmática e sinfrônica para difundir valores ideológicos, morais, religiosos, servindo a poética como instrumento mnemônico para a transmissão de conhecimentos filosóficos e teológicos, atendendo, sem prejuízo da constituição de sua própria natureza, a uma finalidade prática além do seu valor estético. Se fizermos uma acurada incursão temático-histórica pela literatura, desde os clássicos até a contemporaneidade, vamos comprovar que, não raro, a religião ou os rituais sagrados utilizaram-se da poesia para fixar valores espirituais, tornando-se o texto literário um lugar privilegiado de hierofanias e a linguagem poética um espaço metafísico em que, além do simulacro e das

possibilidades de expansão do imaginário, revela-se o divino. Essa relação entre poesia e sagrado resultou em grande benefício para a literatura porque, reescrevendo os mitos, ela se apropriou de importantes e profundos geradores cognitivos e emocionais da psique, daquilo que tem o poder de levar adiante o espírito humano. (Ribeiro, 2012. p. 66).

Segundo alguns autores como Mircea Eliade, há nos textos literários um núcleo que converte as crenças míticas, fatos que eram tidos como corriqueiros e normais, em outras coisas cujo sentido religioso foi ressignificado ao longo do tempo (Ribeiro, 2012).

[...] O imaginário mítico greco-latino impregnou de tal modo a literatura no Ocidente e tão profundamente veio ressignificando ao longo do tempo que os deuses perderam o sentido religioso e passaram a compor o universo ficcional como eventos miméticos. Muitas histórias sagradas tornaram-se “doenças mentais”. Todavia, mesmo pertencendo ao universo literário, o divino nunca perdeu a aura de mistério que define sua natureza e que assim o constitui tão pouco deixou de causar reverência e expectativa, êxtase e temor. Ao contrário, as obras hierofânicas, não raro, são “caracterizadas por uma intensidade emocional peculiar; é como se cordas fossem tocadas em nós que nunca antes ressoaram, ou como se forças poderosas fossem desencadeadas de cuja existência nem desconfiávamos” (JUNG, 1991, p. 70), de modo que, no momento em que irrompe o sagrado ou acontece uma teofania, a obra adquire uma força arquetípica arrebatadora e indestrutível[...]. (Ribeiro, 2012, p. 64).

Como figuras importantes nessa forma de arte a presença feminina, especificamente de forma sacralizada, passa a permear o imaginário da sociedade. Figuras como a deusa Hera, a bruxa Morgana, as donzelas defendidas pelos cavaleiros em suas aventuras em busca do Cálice Sagrado, todas permeiam o imaginário cultural.

Na prática essas mulheres que enfrentaram desafios para manter suas tradições (desafios como a Inquisição, por exemplo) e perpetuar seus conhecimentos sobreviveram não só no imaginário, mas ressignificando seu fazer, suas crenças e práticas adaptando-as para uma nova sociedade.

2.7 O ETNOCONHECIMENTO NO FAZER DAS BENZEDEIRAS E REZADEIRAS

Dedicamos esse item a uma temática importante dentro de nossa abordagem sobre as benzedeadas e rezadeiras, o etnoconhecimento. Segundo Nascimento (2013) etnoconhecimento são os saberes, tradições (cultura) passados de geração a geração nas comunidades tradicionais, aprendidos com a vida cotidiana e a interação direta com o meio que os cerca e seus fenômenos naturais.

Ungentos, chás, banhos, remédios caseiros, esse mundo permeado pelo conhecimento tradicional do uso dos conhecimentos passados de pai para filho (ou de mãe para filha) é a base dos trabalhos das benzedeiras e rezadeiras desde os tempos antigos nas terras da Europa sendo trazidos para as terras americanas durante a colonização.

Esse conhecimento tradicional por ser fruto da observação e não possuir base científica é visto pela ciência, em sua grande maioria, como credice e é pouco valorizado. Entretanto, estudos modernos já demonstram a importância de considerar essas experiências empíricas e realizar estudos sérios a respeito das potencialidades curativas de elementos da natureza.

Estariam, então, certas as benzedeiras em usar as folhas nas suas práticas curativas? Essas tradições eram taxadas como atos demoníacos e, em algumas localidades, essa prática ainda é vista como tal.

As rezadeiras ou benzedeiras foram e ainda é um grupo desvalorizado na sociedade, em função de seus conhecimentos ter base no empirismo, informal. Conhecimento esse que é por muitas vezes, adquirido de forma tradicional de geração para geração, e não algo que se aprende na escola ou nos livros, por isso é tido muitas vezes como sem importância, como sem significados. Como se aquelas sujeitas históricas conhecedoras das ervas, rezas, simpatias, entre outros, não tivessem importância para a sociedade por ter um conhecimento que vem do conhecimento popular, passado de geração para geração (Lucio Boing e Marco Antonio Stancik, 2013). Outra questão que também torna as rezadeiras um grupo desvalorizado é de serem mulheres e idosas e de classe menos favorecidas, de acordo com a Schmitt (1990). (Oliveira, 2018).

Largamente usado nas comunidades tradicionais, o conhecimento das ervas, fruto da vivência e da observação geracional, é o instrumento mais usado no combate a males que vão desde dor de dente a mau olhado ou mesmo o uso de timbó na pesca coletiva dos povos indígenas. Não podemos, portanto, tirar o mérito de tal conhecimento pois sabemos que, na prática, essas comunidades se valem dos mesmos para manter seus afazeres e sua jornada diária.

O fazer diário das benzedeiras e rezadeiras é baseado nessa herança geracional deixada e legada, muitas das vezes, de mãe para filha. Mulheres que usam ervas para curar dores de cabeça, juntamente com um conjunto de orações são, muitas das vezes, as mesmas que trazem ao mundo crianças em lugares onde o médico mais próximo ou hospital está a inúmeros quilômetros de distância. Em Manacapuru há uma maternidade, Maternidade Cecília Cabral, reinaugurada apenas em janeiro de 2024 após 30 anos sem reforma (amazonas1.com.br).

O conhecimento do uso das ervas, dos chás e das infusões para minorar os males das pessoas podem ser mal vistos por muitos ou menosprezado, porém, para muitos é motivo de inspiração de respeito e admiração pois essas mulheres são, em lugares distantes, a única referência e lenitivo do sofrimento físico ou espiritual.

2.8 BENZEDEIRAS E REZADEIRAS BRASIL A FORA

Aqui pautamos a presença e ação das benzedoiras e rezadeiras em outras regiões do Brasil a fim de estabelecer uma conexão de fazeres nas diversas regiões do Brasil. Segundo Oliveira (2018), várias manifestações religiosas já existiam no Brasil antes da chegada dos portugueses. A religiosidade resultante da colonização portuguesa no Brasil foi composta por uma gama de culturas autóctones, a presença dos escravizados africanos trouxe sua religiosidade nos navios negreiros, mas o que prevalecia era a religiosidade cristã com a presença do colonizador português.

Os portugueses, trouxeram várias pessoas de África, como escravos (as), que também tinha suas crenças religiosas, além dos africanos, chegaram também a colônia, pessoas judias ou de origem, que em sua maioria já tinham se convertido ao cristianismo (cristão novo), mas que traziam consigo características de sua antiga religião (Souza, 1986).

Na Europa a religiosidade, até a chegada do cristianismo, era marcada por manifestações mágicas e adoração a deuses e deusas pagãs que levavam o homem a ter contato com a natureza e seus elementos.

Com a chegada do cristianismo dois tipos de religiosidade cristã passaram a conviver: o cristianismo teológico e o empírico. As pessoas mais pobres não tinham acesso ao cristianismo teológico e dogmático, seu conhecimento era empírico, passado de boca-a-boca e fortemente influenciado pelas crenças pagãs que até então dominavam. Durante o século XVII, duas religiões diversas coabitavam na cristandade européia: a dos teólogos e a dos crentes – apesar dos esforços redobrados da elite para quebrar a cultura arcaizante que sobrevivia no seio das massas cristianizadas havia séculos. A concepção mágica do mundo atravessa as classes sociais. Comum ao gentil-homem e ao burguês, aos homens das aldeias e ao dos campos. O conhecimento empírico era partilhado por todos, e a física galileana só dizia respeito a uma minoria de sábios.(Souza, 1986).

O sincretismo religioso era uma realidade na Europa e perdurou por muito tempo. Tal sincretismo foi combatido arduamente, porém o mesmo chegou às terras da colônia e aqui mesclou-se com a realidade religiosa colonial (Oliveira, 2018).

Na colônia portuguesa os indígenas possuíam grandes conhecimentos a respeito do uso de ervas e, da mesma forma, os negros africanos que para cá vieram escravizados. Os jesuítas, após contato com essas populações, incorporaram esses conhecimentos de cura através das ervas. O papel dessas pessoas que dominavam o conhecimento das ervas era muito importante tendo em vista a inexistência de médicos na colônia.

O conhecimento empírico do uso e manuseio de ervas favoreceu o surgimento de raizeiros, de rezadores, rezadoras e benzedeiras na colônia de então. As mulheres negras no quilombo tinham uma função muito importante na manutenção da vivência. Eram mulheres corajosas que estava sempre enfrentando os perigos junto aos seus companheiros. Elas cuidavam de preparar o homem para ir caçar, com banhos de ervas, amuletos que o livraria do mal, e a elas cabia a função de cuidar de feridas e doenças das pessoas no quilombo, por meio do conhecimento das ervas medicinais, e invocação de deuses. Os saberes das rezadeiras, é uma junção de vários conhecimentos populares, que tiveram como contribuição a religião cristã, religião de raízes africanas, a religião judaica, e a religiosidades indígenas. Conhecimentos religiosos culturais de vários povos. Esses saberes que forma a base religiosa das rezadeiras foram passados de geração para geração. (DEL PRIORE, 2004)

De acordo com Del Priori (1986), havia uma pequena classe médica na colônia, porém, não eram bem qualificados para tratar doenças tropicais. Há relatos de pacientes que preferiam se tratar com indígenas, tapuias, do que com os médicos vindos de Lisboa visto sua inabilidade para tratar as mazelas físicas dos colonos.

Na colônia, “é melhor tratar-se a gente com um tapuia do sertão, que observa com mais desembaraçado instinto, do que com médico de Lisboa”, desabafava, em fins do século XVIII, o bispo do Pará, dom Frei Caetano Brandão. A razão dessa preferência é que a maioria dos profissionais de então revelava uma insuficiente formação escolar e estava alheia aos avanços alcançados pela medicina. (Del Priore, 1986).

Dessa forma as benzedeiras e rezadeiras ganham visibilidade e tornam-se as melhores opções para as pessoas que necessitavam de tratamento estando presentes nos lugarejos e povoados das zonas rurais (Del Priori, 1986). Contudo a inquisição era uma realidade e as visitas dos inquisidores à colônia traziam medo e tinham como meta combater a manifestação demoníaca na colônia, entenda-se aqui que, apesar de possuir ritos cristãos, as rezas e benzimentos eram vistas como manifestação do demônio, sendo assim as curandeiras, benzedeiras e rezadeiras eram vistas como bruxas e feiticeiras pela inquisição (Oliveira, 2018).

Curandeiras e benzedeiras que curavam com “orações, benzimentos, rezas e palavras santas”, pertencentes ao monopólio eclesiástico, passaram a ser sistematicamente perseguidas, pois as palavras que empregavam eram consideradas, sobretudo pelos inquisidores do Santo Ofício, de inspiração diabólica. O exemplo da mameluca Domingas Gomes da Ressurreição, moradora do Grão-Pará em 1763, e uma boa ilustração do problema. Angariando fama por curar erisipela e quebranto, Domingas seguia um ritual que incluía pronunciar as seguintes palavras: “Dois olhos mais te

deram, com três te hei de curar, que são três pessoas da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo”, e, enquanto fazia cruzeiros sobre os enfermos, “rezava um Padre Nosso e Ave Maria a paixão e morte do Nosso Senhor Jesus Cristo”. (Del Priore, 2004)

No Brasil da atualidade, o sincretismo persiste e locais como a cidade de Rebouças no Paraná reconhecem o ofício de benzedeira como profissão (G1, 2013). Brasil a fora as benzedeadas são símbolo de resistência e resiliência.

Nos interiores de Minas Gerais as figuras das benzedeadas são tidas como mantenedoras do patrimônio cultural imaterial da região (Reis, Brasileiro, 2022).

No Sergipe são vistas como cientistas populares que usam seus conhecimentos passados de geração para geração.

“Ela é uma versátil cientista popular, conhece rezas, ervas, mensagens, chás e simpatias. Combina traços místico-religiosos a truques de magia e conhecimentos de medicina do povo e constrói assim, dia-a-dia, um discurso que procura oferecer respostas às doenças e às aflições, tanto do corpo como da alma. Fruto de uma sociedade que produz estratégias distintas para resolver problemas diversos e explicar até mesmo a nossa existência enquanto matéria, as **benzedeadas ou rezadeiras**, como são largamente conhecidas no Nordeste, curam mau-olhado, espinhela caída, problemas conjugais e todo ou qualquer tipo de “encosto”. (Selma, 2021). (grifo do autor).

Já no Recôncavo Baiano, de acordo com o Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a prática da cura feita pelas benzedeadas está em extinção.

Nos dias atuais, o que existe é uma certa dificuldade em encontrar pessoas que realizem esse ritual, se é que assim pode-se chamar. O que houve foi uma perda da tradição cultural da região, o conhecimento que era transmitido hereditariamente se perdeu no caminho. As pessoas perderam o interesse pelo benzimento e a procura pelas rezadeiras também caiu. As benzedeadas que exerciam esse tipo de ritual atingiram uma idade avançada, desenvolveram doenças, ou mudaram de religião. Outro fator que tem causado a ausência das benzedeadas é a falta de quem queira continuar com esses rituais, sendo assim as benzedeadas, mas experientes não tem para quem transmitir seus conhecimentos. Além disso, a medicina tradicional tem conseguido evoluir tecnologicamente, tornando-se eficaz no descobrimento de métodos de cura, ajudando na prevenção e nas descobertas de novas doenças e conquistando as pessoas (Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2023).

Como figura emblemática que faz parte da realidade dos interiores do Brasil as benzedeadas ora são valorizadas, ora são esquecidas, contudo, fato é que sua resiliência as tem

mantido presentes na sociedade brasileira e suas tradições, apesar de estarem se perdendo, ainda estão vivas.

Em um mundo globalizado e tecnológico a presença do sagrado se faz de diversas formas, entretanto, nos interiores e rincões do Brasil profundo onde não há os recursos que as cidades de médio e grande porte possuem, esse sagrado é cercado de uma mística, de uma aura e de uma ritualística particular.

CAPÍTULO III

AS BENZEDEIRAS DE MANACAPURU

3.1 O QUINTAL DE VOVÓ

A partir desse ponto daremos início à apresentação das benzedadeiras do Município de Manacapuru, dando como objetivo principal investigar os saberes e crenças presentes no fazer e nas histórias das mulheres benzedadeiras de Manacapuru-AM, buscando compreender o modo como as benzedadeiras vêm construindo múltiplas interações com a comunidade, tudo a partir das trajetórias das benzedadeiras no exercício do seu ofício, pontuando aspectos de fé, trabalho, saúde e conhecimento no ato do benzimento.

Para levar o leitor por esse caminho precisamos contextualizar e localizar essas mulheres e como tivemos contato com elas. Todos nós temos recordações da infância que aos poucos vão ficando esmaecidas em nossa memória e as minhas me trouxeram até aqui. Peço licença ao leitor para, aqui, usar a primeira pessoa do singular.

A infância vivida em Manacapuru foi cheia de experiências marcantes e doces memórias. Morávamos no quintal de minha avó, primos, sobrinhos, netos, uma típica família numerosa do interior. O quintal é uma parte importante pois era o nosso mundo de então, repleto de flores, cheiros e bichos, compôs nossas histórias individuais e forjou nossas personalidades.

Minha lembrança é de um quintal grande com muitas flores, plantas de muitos cheiros, formatos e cores que minha avó cuidava com carinho. Cada uma delas tinha uma finalidade, capim santo acalmava, mukura-kaá (a famosa guiné) que, apesar de seu cheiro pouco agradável, quando feito o banho em infusão, era usado para tirar o “mal olhado”, arruda, cipó-alho, mangueira. Banhos, chás, infusões, unguentos, a cura dos males do corpo e do espírito atrelada aos elementos da natureza, assim era minha avó e sua relação com seu quintal.

Sempre que alguém de nós adoecia recorria a ela para que, no quintal, sua farmácia natural, ela procurasse a cura. Dor de cabeça, dor de dente, dor de barriga, males comuns às crianças que, andando de pés descalços subindo e descendo de árvores o dia inteiro, brincando de esconde-esconde, jogando bola e pulando corda, constantemente apresentavam um ou outro arranhão, dor aqui e ali. Faço aqui um parêntese para me reportar ao autor de meus oito anos, Casemiro de Abreu, a lembrança da infância bem vivida compõe nossa mais cara recordação.

Meus oito anos
Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,

Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 À sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjais!
 Como são belos os dias
 Do despontar da existência!
 - Respira a alma inocência
 Como perfumes a flor;
 O mar é - lago sereno,
 O céu - um manto azulado,
 O mundo - um sonho dourado,
 A vida - um hino d'amor!
 (Casemiro de Abreu, trecho de Meus oito anos – 1858)

Minha avó era uma mulher sábia e prática, tinha muito conhecimento dos usos dos recursos naturais como poucos, contudo ela apresentava suas limitações. Essas limitações se apresentavam quando ela, com sua sagacidade e observação, percebia que seus conhecimentos não seriam suficientes para trazer o alívio àquele mal apresentado. Nessa hora minha avó nos levava a quem ela reconhecia ter um conhecimento e uma ligação espiritual que pudesse sanar nossos males – a benzedeira.

Sim, fui inúmeras vezes visitar essas senhoras, como toda criança que vive no interior eu visitei inúmeras e inúmeras vezes a benzedeira para tratar de mal olhado, osso fora do lugar, espinha de peixe na garganta, disenteria, febre, entre outros. Diferente de minha avó, que recorria apenas ao uso dos elementos da natureza para trazer alívio, a benzedeira agrega a isso as rezas e bênçãos, as evocações e cantigas utilizadas para tirar de quem a procura o mal que o aflige.

Minha avó reconhecia que não possuía esse dom, o de benzer, sendo assim, quando seus recursos se esgotavam ela nos levava até uma de suas “comadres” e, munida de um maço de velas para “agradar a comadre” e uma muda de planta ela nos levava de mãos dadas pelas ruas até chegarmos à nossa condução que nos levaria a casa da benzedeira, quando íamos em uma senhorinha que já era bem de idade, íamos a pé, pois ela morava perto de nós.

3.2 AS BENZEDEIRAS

Até aqui trouxemos aspectos os mais diversos que, no nosso entendimento, compõe o espectro social e religioso que norteiam o ser, o fazer e o existir das benzedeadas. Passamos no primeiro capítulo por religião, religião no contexto da Amazônia, Mitologia e Religião; no

segundo capítulo discutimos civilização, sociedade e gênero. Trouxemos a mesma para o contexto amazônico, a presença da mulher no sagrado e a tradição do benzimento vinda da Europa. No terceiro estamos em um processo de imersão e aproximação às benzedeiras de Manacapuru e suas práticas religiosas, em um momento social onde a razão e a ciência imperam nos campos disciplinares, assim como as práticas religiosas vêm sofrendo mudanças.

A Amazônia é um território rico em socio biodiversidade, repleto de histórias, crenças, cosmologias, simbologias, saberes tradicionais, superstições e diversas manifestações culturais e religiosas. Trata-se de uma região com singularidades onde há uma profunda interação entre as diversidades de povos que habitam o lugar, a natureza e a cultura.

O ritual da benzeção é rico em simbologia. Todos os elementos são partes constitutivas de um espetáculo: o local onde se benze, os objetos, as orações e a expressão corporal. Benze-se não apenas com o poder da oração e os objetos sagrados, mas também com os gestos, com o semblante e com o olhar. A linguagem empregada nas fórmulas, bem como os objetos manuseados, baseia-se quase sempre em analogias. Todos esses elementos unificados garantem a crença na eficácia do ritual de benzeção. (Moura, 2009, p. 178).

Nas comunidades amazônicas, institui-se uma forma de saberes tradicionais de cura, se destacando no universo feminino, são líderes marcantes dentro de suas comunidades desempenhando um papel de liderança, guiam e orientam a comunidade. Suas atividades de interações, passam por vários campos da vida social moderna, e mesmo que diferentes umas das outras, todas partilham da figura personificada de benzer e cuidar. Sobre isso, Dias afirma que:

As benzedeiras são mulheres que agem no decorrer da história com um único objetivo, ajudar aos outros. Elas praticam o ato do benzimento sem cobrar nada em troca. São pessoas simples, solidárias, e donas de saberes e fazeres que passam de geração para geração. Essas benzedeiras são pessoas carismáticas com muitos conhecimentos. (2017, p. 69).

No bojo do contexto amazônico, encontram-se as benzedeiras de Manacapuru, cujo ofício tem presença ampla, traçando marcas importantes, do ponto de vista cultural, social, político, religioso, e mágico simbólico no contexto nacional, regional e local.

A escolha pelas benzedeiras como sujeitas da pesquisa se deu por percebermos que a tradição do benzimento entre as mulheres têm resistido apesar do tempo e dos avanços da sociedade moderna, capitalista e globalizada. Quanto ao contexto escolhido para a pesquisa etnográfica, como anunciado, faz parte na região metropolitana do Estado do Amazonas.

Assim, mais que intenções, esperamos que o trabalho possa se constituir em um chamamento para olhares mais sensíveis à realidade amazônica, em que as narrativas de nossa *gente* sejam traduzidas nos registros das experiências retidas, nas pesquisas e que por sua natureza, contenham a força da tradição retratada nas vozes dos outros, sujeitos, memórias, histórias e identidades, pois eles são a humanidade em movimento. *São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a História em construção. São memórias que falam.*

Os sujeitos entrevistados e observados em nossa pesquisa são três senhoras que hoje beiram os 85 anos de idade e todas são de origem muito humilde do interior do Município de Manacapuru. Realizamos entrevistas abertas com as mesmas benzedeadas e, ainda, observamos práticas de benzimentos das mesmas.

Conheço pessoalmente todas elas, pois as mesmas ainda estão vivas e praticam o benzimento diariamente. Fui frequentadora de seus quintais tal como o de minha avó. Esses quintais cheios de cheiros e cores especiais que traziam a cura para os males do corpo e da alma.

3.3 O PODER DOS SÍMBOLOS: REZAS, FITAS, TERÇOS E ORAÇÕES

Para Beltrão Júnior, todo comportamento humano é simbólico e todas as civilizações perpetuam seus conhecimentos através dos símbolos.

A ideia de “cultura como sistemas simbólicos” foi desenvolvida por Geertz e Schneider, onde a cultura deve ser considerada não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle (...) para governar o comportamento” (LARAIA, 2001, p. 62). Nesse sentido, Geertz (1966) afirma que “todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura”. Contudo, Geertz (1966) considerando a cultura como um conjunto de sistemas simbólicos, como por exemplo, a linguagem, as relações econômicas, a ciência, a religião, entre outros, diz que o ser humano é amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Dessa forma, esse conceito de cultura, defendido pelo autor, não atua como uma “ciência experimental” em busca de leis, mas como uma “ciência interpretativa”, à procura de significados. (Beltrão Júnior, 2013).

Sendo assim, o ato do benzimento é cercado de símbolos que possuem um papel importante na ritualística da cura ou do pedido. A prática do benzimento, ainda segundo Beltrão Júnior (2013), normalmente tem início com o sinal da cruz, prática do catolicismo.

A bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente”. Na verdade, é a partir daí que começa o rito, pois é da bênção que nasce a benzeção, onde o saber religioso se mescla com a prática mágica da benzedeira, e o simbólico se insere na relação benzedor e benzido. (Oliveira, 1985).

Segundo Oliveira (1985), ao iniciar o rito do benzimento ou da benzeção cada pessoa que benze revivifica “determinados símbolos sagrados. Esses símbolos passam uma dada visão do pedido que pode ser reconstruído não como símbolos soltos e dispersos, mas como símbolos que permeiam a produção social da vida e as relações entre as pessoas, dando significado a ambas.” A pessoa que recebe a bênção, ao ter contato com os ritos iniciados pelos símbolos sente fluir a “magia” canalizada por eles através das palavras, gestos, e símbolos dispostos pela benzedeira.

Os símbolos são instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consenso* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para reprodução da ordem social. (Bourdieu, 2012).

As benzedeiras constroem, através da herança dada por outras benzedeiras, um “patrimônio” simbólico onde a cura é atingida pela fé agregada ao uso dos símbolos e dos ritos por elas empregados.

Para Mauss (2005) a oração é uma linguagem que tem uma meta e um efeito, e que age exprimindo sentimentos e ideias por meio de palavras. O autor diz que “A oração é social não somente por seu conteúdo, mas ainda por sua forma. Suas formas são de origem exclusivamente social. Ela não existe fora de um ritual” (MAUSS, 2005, p. 245). Com base nisso, Mauss (2005, p. 251) define o ritual como: “O ritual é uma linguagem convencional pela qual se exprime de maneira imperfeita, o jogo de imagens, e dos sentimentos, íntimos, ele se torna, para nós, a própria realidade”. (Beltrão Júnior, 2013)

Segundo Bourdieu (2012, p. 12), as representações simbólicas variam de acordo com sua origem e com a forma como são adotadas pelo coletivo. Compreender o sistema simbólico presente na história das benzedeiras é crucial para ter uma visão mais ampla dessas tradições.

3.4 DONA FLOR

Dona Flor é uma senhora que, como disse antes, beira os 85 anos de idade e mora próximo à casa de minha falecida avó. Assim como na casa de minha avó, em seu quintal também morava toda uma grande família. Ficou viúva muito cedo e vivia de lavar roupa para fora, o que fazia com muito zelo, trazendo-lhe clientes de diversas partes da cidade, observando

essa situação percebi que isso contribuiu para o grande número de pessoas que além de serem seus clientes de lavanderia recorriam a ela também nos momentos de aflição espiritual.

Muito cordata andava sempre bem penteada com um coque nos cabelos já embranquecidos na época. Participava do grupo de orações da Igreja de Santo Antônio onde rezavam o terço todas as segundas-feiras na intenção das almas dos aflitos. Com frequência acendia velas no cruzeiro do cemitério em intenção das almas dos que não possuíam ninguém que rezasse por eles.

Contam os mais próximos de Dona Flor que os seus pais eram indígenas da etnia mura, portanto, ela possuía em si uma “ancestralidade latente” tendo em vista que evitava falar que era indígena. Dona Flor é de uma sensibilidade espiritual muito grande e percebe vultos, ouve vozes mesmo sendo extremamente católica. Sabia que a sua missão espiritual estava atrelada ao benzimento pois era uma herança vinda de seus ancestrais.

A casa de Dona Flor possuía uma varanda pequena. Era uma casa feita toda de madeira ao estilo de casas do interior, na frente a cerca feita de plantas e algumas ripas enfileiradas para proteger a entrada da casa escondiam a parte de dentro do quintal repleto de flores e plantas medicinais que ela usava para os seus benzimentos.

Na porta principal da casa de Dona Flor podia se ver a imagem de um “Sagrado coração de Maria”, a recepcionar a todos os que chegavam, na varanda havia duas cadeiras nas quais ela sentava-se no final da tarde e recebia aqueles que viam em sua procura, seus clientes de roupa e aqueles que vinham em busca de socorro espiritual.

Dependendo do que era solicitado, encaminhava a pessoa para dentro da sua casa simples. Na sala encontrava-se uma pequena estante com seus santos, seus terços, as velas acesas à nossa senhora Aparecida, a nossa senhora de Nazaré, entre outras coisas. O retrato de seus pais bem acima, naquele estilo antigo de fotografia que remonta uma pintura, a rede enrolada no canto e três pequenas cadeiras pouco confortáveis. Ali ela sentava para conversar e entender o problema que trazia a pessoa até a sua casa.

Pacientemente Dona Flor conversava com as pessoas que vinham a sua procura. Deixava o convidado confortavelmente sentado nas cadeiras desconfortáveis, porém

acolhedoras de sua sala enquanto passava um café, nada como um bom café para aquecer o corpo e a alma. Vinha com o café passado em suas xícaras antigas herdadas de sua mãe e enquanto o tomava com a visita ouvia o que o afligia.

Tantas e tantas histórias dona Flor ouviu tantas e tantas histórias dona Flor pôde auxiliar desde doenças simples como bicheira, dores de barriga, dores de cabeça até os males do coração. Sim, o coração partido também era uma especialidade de dona Flor que com suas orações fazia com que a pessoa em questão se acalmasse e esperasse pelo que viesse de melhor, mas, vamos à prática.

Depois da conversa que tinha com a pessoa em questão, dona Flor, já sabendo do que se tratava, ia em seu quintal e pegava um bom punhado de vassourinha, uma planta que tradicionalmente as benzedadeiras usam para auxiliar nas suas rezas.

Identificando o mal que afligia ela podia dizer se seria necessário um retorno ou não, normalmente esses tipos de tratamentos exigiam que a pessoa retornasse pelo menos mais duas vezes para poder fazer completo o resultado da reza. Então, munida de sua vassourinha e de sua arruda acendia vela para o anjo da guarda da pessoa que estava ali. Colocava um copo com água do lado abria porta e fazia as suas orações praticamente inaudíveis. Dona Flor então realizava as orações evocando os Santos Anjos e Arcanjos da Igreja Católica, contudo, evocava também os elementais das matas, aqueles cuja ancestralidade falava forte em seu sangue. Evocava a cabocla Mariana, a evocava a cabocla Herondina, evocava Toia Jarina, seu Zé Raimundo assim como espíritos que fazem parte da natureza, aqueles que foram encantados que um dia estiveram encarnados entre nós e os que são pertencentes à natureza.

Em visita recente a casa de dona Flor pude rever essa sala que na época me parecia tão grande. Na verdade, é um cômodo pequeno com pouca iluminação e o cheiro, um cheiro diferente, um cheiro de flor misturado com o incenso. Dona Flor ainda possui a mesma estante onde guarda seus Santos os seus sacrários a mesa onde coloca sua bíblia seu terço e eu pude ver com mais detalhes que ela possui também uma imagem de São Sebastião que na época eu não me atentava a isso.

Ela possui uma imagem da cabocla Mariana, uma imagem da cabocla Herondina e um pequeno desenho feito talvez por uma criança, de toia Jarina. A devoção de dona Flor aos Santos

católicos é inegável, ela continua fazendo o seu terço às segundas-feiras e indo acender a sua vela no Cruzeiro das Almas por aqueles que não têm quem o faça. Na ocasião de minha passagem por Manacapuru pude presenciar um fato muito interessante quando fui visitá-la.

3.4.1 O caso da espinha de peixe

Estava a caminho da casa de meus avós quando vi um movimento diferente à porta de dona Flor. Um carro muito elegante parou em frente à casa dela e de lá desceu uma mulher muito bem vestida, óculos escuros, cabelos muito bem penteados, bolsa cara, sapato de salto mas trazia de mãos dadas uma criança que chorava muito. Parei então para observar e depois a curiosidade me motivou a fazer uma “visita” a dona Flor para saber do que se tratava aquela cena tão inusitada. O que uma mulher tão chique estaria fazendo na casa de dona Flor? A mesma não era mais lavadeira, só podia ser reza.

O tempo passou e o carro se foi e eu não me contive fui procurar saber de dona Flor. Aquela senhora era a esposa de um homem muito poderoso do município, um comerciante muito rico. Ela muito aflita, trouxe a criança que tinha se engasgado com uma espinha de peixe. A espinha de peixe estava atravessada na garganta da criança, levaram até o hospital, mas não conseguiram tirar tudo e um pedaço ainda havia ficado na garganta do pequeno. No momento de desespero essa mãe elegante e mas apenas uma mãe lembrou-se da velha benzedeira do bairro do interior de Manacapuru, pegou seu carro e levou sua criança até lá.

Perguntei a dona Flor o que foi que ela fez para curar o menino, a senhora em questão disse deu uma banana para ele comer, sim uma banana, nas palavras dela “eu rezei a banana dediquei aquela banana para nossa Senhora do Perpétuo Socorro, para São Roque para nossa senhora Aparecida para que eles pudessem liberar a garganta daquela criança e enquanto ele comia eu ia rezando, rezei um Pai Nosso, uma Ave Maria e outras rezas que não vem ao caso minha filha e assim foi.”

3.4.2 O caso do coração partido

Como eu já havia relatado, uma das especialidades de dona Flor era também casos de coração partido. Dona Flor conversava com as pessoas que vinham lhe procurar relatando suas dores de amor e tentando entender se realmente aquilo era amor, ou uma paixão passageira.

Durante as suas conversas ela deixava claro que para amar alguém primeiro você precisa ter a sua autoestima o amor próprio esse sim é importante então para cuidar de dor de amor era necessário cuidar do coração partido, mas cuidar principalmente do amor próprio.

O tratamento de Dona Flor durava sete sextas-feiras, a pessoa em questão deveria ir até a casa da benzedeira levando um maço de velas e fazer com ela o terço dedicado a si próprio, dedicado ao amor próprio. Nesse meio tempo, dona Flor fazia um preparado, um perfume natural que levava cravo, canela, açúcar mascavo e algum outro ingrediente secreto que ela não contava. Ela fazia esse preparo e no sétimo dia, na sétima sexta feira após terminado o terço ela entregava esse perfume natural para pessoa e falava para que ela usasse sempre que achasse necessidade.

Não me lembro de ver dona Flor fazer amarração ou coisas desse tipo, sua crença católica não permitia que ela fizesse esse tipo de coisa, mas havia quem pedisse e ela, gentilmente, declinava e dizia “não meu querido... não minha filha eu não sei fazer isso não eu só sei rezar mesmo”, o resultado? Bom ninguém nunca voltou para reclamar.

3.4.3 Quando peguei mal olhado

Quando eu tinha por volta de uns 8 anos de idade tivemos uma visita, uma amiga de minha mãe foi em nossa casa e passou o dia conosco. Ela havia levado seus filhos e nós brincamos muito. As crianças eram muito divertidas e como toda criança brincamos pulamos e nos divertimos à beça, na época eu tinha uns cabelos cacheados até o meio das costas que dava muito trabalho para minha mãe por conta dos piolhos dos nós e da dor que era para pentear em uma época em que a vaidade ainda não era a minha grande preocupação.

Essa amiga da minha mãe ficou maravilhada com os meus cabelos, elogiou imensamente o tamanho o peso do meu cabelo “que cabelo lindo tem essa menina benza Deus! Olha como é pesado! E esses cachos bem definidos!”, enfim o dia passou, brincamos, corremos pulamos, subimos em árvore descemos de árvore, chupamos manga, fomos pro Igarapé e voltamos.

No finalzinho da tarde a amiga de minha mãe se despediu de nós pegou seus filhos e foi para casa. No cair da noite eu comecei a passar mal, sentia o corpo febril, muito calafrio a

cabeça doía e minha mãe pensou “é resfriado” foi até minha avó que prontamente fez um chá e me deu de beber. Fui para minha rede e ali eu fiquei, mas o mal-estar não passou, foi uma noite muito mal dormida onde eu levantei diversas vezes, vomitei, tive febre, delirei e, no dia seguinte pela manhã, minha mãe foi até minha avó que olhou para mim e falou “não isso não é gripe! Isso não é gripe”, então ela foi em seu quintal procurou algumas ervas fez um banho e me deu na esperança de que eu pudesse com ele melhorar.

O banho me trouxe um certo alívio, mas eu continuava muito mal e para piorar meus cabelos começaram a cair. Minha mãe penteava os meus cabelos para fazer a Maria Chiquinha de costume e o cabelo caía aos tufo, aquilo a deixou muito preocupada então, mais uma vez, ela foi até minha avó que vendo essa situação resolveu que era hora de recorrer à Dona Flor.

Minha avó me pegou pela mão e eu com muita dor, muito mal estar fui caminhando pela rua de mão dada com ela até a casa de dona Flor, chegamos lá cedo e dona Flor acabara de preparar o café dos netos quando minha avó então chama “comadre! Comadre Flor trouxe aqui minha neta para a senhora rezar ela para mim, não consegui resolver!”, ela olhou para mim e na hora falou “Vixe! Que essa criança pegou mal olhado! Quem teve na sua casa? ” Minha avó respondeu “ é uma amiga da minha filha”, dona Flor surpresa responde “olha que olho ruim tem essa mulher hein!! A criança está muito amuada! Muito amuada! Mas vem cá, vem aqui com a avó que a vó vai cuida, a vó vai cuidar de você”.

Dona Flor então me colocou sentada na cadeirinha em frente à mesinha dos Santos dela, eu de cabeça baixa, e ela perguntava “o que você está sentindo criança?” “estou com dor muita dor” “Hum! vamos resolver isso!”, ela então pegou uma pequena imagem pequena de Cosme Damião deu para eu segurar e falou assim “você vai segurar essa imagem de Cosme Damião e enquanto eu tiver rezando você fecha bem os olhos e pede tudo que você quiser de bom, pede para sua saúde ficar boa”, ela então me deu aquela pequena imagem de Cosme Damião pegou um laço de fita cor de rosa e enquanto fazia a oração ela ia dando os nós no laço de fita.

Cada oração era um nó que ela dava no laço de fita e assim ela deu sete nós, quando terminou ela pegou a imagem com a fita enrolada e nós dados e colocou em cima da mesa e falou para minha avó “olha essa criança precisa voltar aqui comigo mais duas vezes para gente poder terminar o tratamento dela, foi mal olhado muito grande que ela pegou viu! Ela ia ficar

muito doente”, e assim foi feito. Na semana seguinte, não me lembro bem o dia da semana, lá estava eu, bem melhor. Novamente ela fez a oração só que dessa vez eu apenas com a fita amarrada e na segunda vez também uma vela acesa com a fita amarrada.

Enquanto fazia isso dona Flor me rezava se valendo da boa e velha vassourinha e da Arruda para poder fazer a “limpeza”. Eu me recuperei fiquei novamente esperta, meus cabelos pararam de cair e minha mãe nunca mais chamou a amiga dela para passar o dia lá em casa.

Dona Flor ensinou a colocar um copo com água, sal grosso e um pedaço de carvão no canto da porta para tirar os maus espíritos. De tempos em tempos deveríamos jogar aquele carvão e aquela água fora, lavar o copo e encher novamente. Ela garantiu que fazendo toda maldade e olho grande iria para o copo. Tenho esse hábito até hoje.

3.5 DONA ANA: A BENZEDEIRA DE MORDIDA DE COBRA

Dona Ana, assim como dona Flor, beira os 80 anos de idade. É uma senhorinha bem magrinha, branca de olhos claros, cabelos grisalhos amarrados em coque. Ela usa óculos por conta da catarata que lhe acomete. Segundo ela a arte da benção foi passada para ela por sua avó. Ela descobriu esse dom aos 12 anos de idade e foi aprimorando com o auxílio e orientação de sua avó dona Carmela

Como mora no interior da zona rural de Manacapuru, dona Ana muitas das vezes faz o acompanhamento de diversas parturientes. Mulheres grávidas que não possuem meios de se deslocar com regularidade para a sede do município para fazer o acompanhamento neonatal. Segundo, ela já fez o parto de mais de cem meninos, inclusive de pessoas ilustres da cidade que hoje recorrem a ela nos momentos de aflição para tirar um mau olhado, uma espinhela caída, uma dor nas costas ou simplesmente para ter uma boa prosa. Porém a especialidade de dona Ana não é o parto e nem tirar o mau olhado, Dona Ana é uma das benzedadeiras mais procuradas para casos graves de mordida de cobra.

Ela até é procurada na maioria das vezes para resolver problemas de saúde que seriam talvez facilmente resolvidos se estivéssemos no centro do município como dores de dente, espinhela caída, verminose, porém por estar na zona rural, o cuidado dessas situações que

seriam simples em um SPA na sede do município torna-se mais complicadas de serem resolvidos.

Dona Ana, como dito antes, é uma benzedeira especializada em benzer mordida de cobra. A ritualística utilizada para o ato do benzimento da mordida de cobra é mais complexa e exige mais concentração da benzedeira e mais conhecimentos fitoterápicos porque a mesma se vale não só das velas das fitas e dos Santos, mas também, se vale do uso de ervas específicas que são aplicadas sobre o ferimento.

Banhos, unguentos, chás e macerações devem ser aplicadas regularmente durante 3, 5 ou 7 dias de acordo com a gravidade da mordida, do tipo da cobra, do tempo em que a mordida aconteceu além de permanecer o uso das orações do uso das fitas e de recorrer aos Santos. Normalmente dona Ana recorre à oração de São Bento para, durante o tratamento, realizar a cura da mordida do ferimento causado pela cobra.

Poderoso São Bento que lutou contra demônios e venceu com o poder da cruz, livra da peçonha da cobra, do veneno do escorpião, da flecha do maligno, do tiro do malfeitor. Que esse ferimento causado por cobra seja curado pelo poder do Divino Espírito Santo, da Santíssima Trindade. Que o demônio não faça morada na vida desse infeliz e que a cobra que o picou não o encontre novamente. Amém (Oração contra mordida de cobra – Dona Ana).

Dona Ana além de se valer da oração de São Bento vale-se também dos recursos do Salmos. Durante os ritos de rezas e cura das mordidas de cobra, além da oração de São Bento, ela usa o Salmo 23 e o Salmo 91 para evocar as forças dos Anjos e arcanjos para que, efetivamente, o tratamento de mordida surta efeito.

Salmo 23

O SENHOR é o meu pastor, nada me faltará.
Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas.
Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome.
Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.
Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda.
Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias.

Salmo 91

Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará.

Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei.

Porque ele te livrará do laço do passarinho, e da peste perniciosa.

Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te confiará; a sua verdade será o teu escudo e broquel.

Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia,.

Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia.

Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti.

Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios.

Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação.

Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.

Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.

Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra.

Pisarás o leão e a cobra; calcarás aos pés o filho do leão e a serpente.

Porquanto tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei em retiro alto, porque conheceu o meu nome.

Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; dela o retirarei, e o glorificarei.

Fartá-lo-ei com longura de dias, e lhe mostrarei a minha salvação.

O conhecimento fitoterápico de Dona Ana é extraordinário, ela usa pelo menos três diferentes tipos de ervas para o tratamento das mordidas e, a ciência de hoje, já comprova a eficácia do uso desses elementos da natureza para o tratamento.

Na realização do benzimento, dona Ana faz o chá das ervas e durante a reza e evocação dos anjos e santos a quem recorre para a cura a senhora aplica o chá na forma de banho sobre o ferimento fazendo uso de gaze e esparadrapo para manter o lugar limpo e com o “remédio” aplicado.

Tive oportunidade de conversar informalmente com duas pessoas que recorreram a ela para a cura de mordida de jararaca. Ambas (um senhor de 50 anos e uma senhora de 65) contaram suas experiências.

Os acidentes em questão aconteceram durante as tarefas diárias na lida da lavoura. O senhor contou que estava a caminho da roça e que foi surpreendido por uma jararaca no trajeto

de volta para casa às 16h. Ele não viu a cobra enrolada próximo ao caminho por onde ia passar e a mesma deu o bote. Usando apenas chinelo ele sentiu a picada e, de imediato, nem foi para casa, dali mesmo já “correu pra casa da comadre Ana pra ela fazer o benzimento”.

O segundo caso, da senhora de 65 anos aconteceu na beira do igarapé. A mesma estava lavando roupa quando sentiu a picada vinda na parte de trás do pé direito. Voltou-se para o local e viu uma jararaca enrolada próxima à bacia de roupas que lavava. Como estava acompanhada da filha mais nova, de imediato foi para casa e o genro a levou de moto até a casa de “sinhá Ana pra ela fazer a reza porque dava tempo ainda.”.

3.5.1 Um caso diferente

Dona Ana, em nossas conversas me contou que uma vez teve uma coisa diferente que pediram para ela rezar. Certa vez foi procurar por ela um jovem muito bonito, como se dizia antigamente, galante, bem apessoado que ficou sabendo da fama de benzedeira de Dona Ana e resolveu recorrer a ela.

Ela olhou o belo moço, com cabelo bem penteado e modos muito finos e perguntou o que o trazia ali, o rapaz, rapidamente tirou um maço de velas da bolsa e deu em forma de agrado a estão jovem senhora e foi direto ao assunto: “Dona Ana, a senhora não me conhece, mas sua fama de pessoa boa e boa benzedeira vai longe. Vim aqui porque sofro do mal de amor Dona Ana”, “Bondade sua de dizer essas coisas bonitas a meu respeito! Mas que moça besta essa que não olha pra você! Um rapaz tão bonito e educado!”. Segundo a benzedeira, nessa hora, o rapaz corou e disse “Não dona Ana, não é uma moça, é um moço! Eu não gosto de mulher!”. Com um sorriso amarelo Dona Ana tenta entender a situação.

“Então você sofre de amor por causa de outro rapaz? Mas ele sabe?”, “Sabe mas finge que não liga!”, “Olha moço, eu não sei se posso rezar pra esse tipo de coisa, mas vou fazer uma coisa pra você, vou colocar você nas minhas orações e se for da vontade de Deus que esse moço seja seu ele vai ser, certo?”, Dona Ana viu o ar de decepção no olhar do rapaz que foi pra casa conformado, creio que já esperava por esse tipo de resposta, o mundo era outro (palavras de Dona Ana). Passado um tempo o moço voltou a procurar por Dona Ana levando, novamente um maço de velas. Ela meio que assustada nem queria aceitar, mas o jovem tinha ido agradecer a oração, ele descobriu que o rapaz por quem estava apaixonado era um golpista e tinha um

histórico de roubar àqueles com quem se relacionava. “Cuidado com as coisas que você pede e deseja!”.

3.6 DONA FRANCISCA

Vamos ao relato de nossa terceira personagem, Dona Francisca, a mais velha das três benzedeadas. Pelas contas de Dona Francisca ela está com 92 anos de idade. Lúcida, uma mulher negra que viu e viveu muita coisa no município de Manacapuru. Seus pais vieram do Maranhão e se instalaram na zona rural do que hoje é o município de Manacapuru.

Criada na roça, sua avó, dona Amélia, era sacerdotisa de umbanda e jurema sagrada, passando para a filha Lindalva e para a neta, Francisca, a missão espiritual. Dona Francisca, aos 13 anos de idade já rezava e ajudava sua mãe e avó nas funções do barracão¹. O Brasil passava por tempos difíceis politicamente e a perseguição aos que professavam religiões afro-indígenas era grande, porém, por se localizar em um sítio distante do centro urbano de Manacapuru, foi possível que Francisca, então aprendiz de benzedeadora, desenvolvesse esse e outros dons que vamos agora colocar de acordo com o relato dela.

Dentro da crença da Jurema Sagrada e da Umbanda da tradição Mina Nagô presentes na região norte além do culto aos antepassados (pretos velhos, caboclos, exus e pombagiras) existe o culto aos encantados.

Os encantados, segundo dona Francisca, são seres que podem fazer parte da natureza como os botos, as sereias, ou podem ser pessoas que não desencarnaram, mas foram “encantados” em determinados locais da natureza como dunas, mangues, grotões d’água, mar calmo etc. Esses seres encantados fazem parte das crenças afro-ameríndias resultantes das relações sociais e históricas de nossa colonização.

Aos 15 anos de idade Francisca ajudou a mãe a fazer o primeiro parto de um casal de gêmeos filhos dos compadres de seus pais, inicia aí mais uma etapa da vida da hoje benzedeadora Dona Francisca. Ela se tornou uma parteira muito respeitada e tem orgulho em dizer que “nunca perdeu nenhum menino”, todos que nasceram pelas suas mãos o fizeram com as bênçãos dos

¹ Atividades realizadas no terreiro como limpeza, atendimentos, feitura de comida do santo.

orixás, dos santos católicos e das encantarias evocadas por ela para ajudar na hora da dificuldade.

O acompanhamento das grávidas se dá logo que a mesma descobre a gravidez, Dona Francisca mede a barriga usando a palma das mãos, e com seus conhecimentos fitoterápicos ela faz unguentos e banhos para “acalmar a criança dentro da barriga” e colocar ela, aos poucos na posição certa para nascer.

Quando acontece, por ventura, da criança estar fora da posição Dona Francisca pacientemente massageia a barriga até colocar a criança em condições de nascimento, por vezes a criança nasce pelos pés fazendo com que a parteira que possui técnica apurada consiga realizar o parto.

Além de suas obrigações como sacerdotisa e como parteira, dona Francisca é constantemente procurada na zona rural para combater espíritos malignos que vagam pelo mato e importunam os moradores dos sítios.

Dona Francisca muito se orgulha de nunca ter perdido nenhum menino na sua mão, fato raro para partos naturais feitos com poucos recursos no meio do mato. Porém, há aqueles casos mais complicados onde a sua destreza e habilidade de parteira se junta à habilidade de benzedeira e todos os anjos, arcanjos, orixás e encantados se juntam para trazer ao mundo a criança e manter a mãe viva, outro fato muito importante que ela também gosta de se vangloriar “nunca perdi nenhum menino nem uma mãezinha na minha mão!”.

Mas, há dias em que a sorte não nos sorri e é preciso recorrer à fé, ao fantástico, aos símbolos para que a vida tome seu curso. Dona Francisca me contou que fazia o acompanhamento de uma grávida já na década dos anos 80, ela não se recorda muito bem o ano, mas lembra bem das duas, era uma menina esperando outra menina.

A mãezinha em questão tinha só 13 anos quando “casou” com um sitiante da região e logo “pegou filho”. Assim que descobriu a sua condição, a jovem mãe começou a fazer o acompanhamento com dona Francisca.

A benzedeira/parteira via no olhar da jovem uma melancolia característica de quem era infeliz, “eu rezava por ela todos os dias porque sabia que aquela tristeza não ia passar fácil! Só Deus na vida da gente pra dar forças pra gente passar por nossas provações.”

Chás, banhos e rezas prepararam a jovem para o dia do parto que chegou numa madrugada de chuva. O marido foi buscar dona Francisca no lombo do cavalo e quando eles chegaram lá a moça estava em grande sofrimento.

Dona Francisca tira seus apetrechos da bolsa, seu terço e sua vela. Acende a vela para nossa Senhora do Bom Parto e inicia seus trabalhos. Rezas, massagens, massagens, rezas, e nada da criança nascer. A jovem mãe já estava perdendo as forças quando Dona Francisca foi até a porta da frente da casa e, segundo ela, “conversou” com Nossa Senhora do Bom Parto e fez uma promessa para a Santa, se mãe e filha a escapassem, Francisca, deixaria de comer carne às sextas-feiras para honrar a santa e pela saúde de ambas. Feita essa “conversa” ela retorna para o quarto e depois de mais um esforço a menina nasceu. Dona Francisca ganhou uma afilhada e a partir daí consagra a 6ª feira a não comer carne.

3.6.1 O caso do lobisomem

Entre os espíritos e seres mágicos que circulam pela zona rural dos interiores podemos enumerar aqui alguns como Matinta pereira, Mapinguari, Curupira, Lobisomem. Dona Francisca aprendeu a lidar com esses seres mágicos e a combatê-los. Esses seres, constantemente interagem com os moradores da zona rural trazendo problemas e, quase sempre, nossa Benzedeira era chamada para intervir na situação.

Um caso contado por ela diz respeito à perseguição que uma família sofria por um animal que supostamente seria um lobisomem. A referida família teve uma criança havia poucos dias, o parto fora realizado por Dona Francisca e sua filha e a recomendação de dona Francisca para esses casos é que a criança fosse batizada o mais rápido possível porque, como se sabe, há espíritos que buscam pela alma de crianças pagãs para se alimentar e, entre esses espíritos, encontramos a rasga mortalha e o lobisomem que, de acordo com as crenças populares e os relatos falados por dona Francisca.

A família em questão já tinha sete dias com a criança nascida e não havia jeito de ir até a sede do município para batizar a mesma. O pai da família percebeu uma movimentação estranha ao redor da casa nos dias que se seguiram ao nascimento da pequena menina. Atento aos movimentos colocou os filhos mais velhos de sobreaviso e todos permaneceram de vigília nos dias que se seguiram.

Nas manhãs seguintes, ao redor da casa, era possível ver pegadas de animais como de um cachorro grande por todo o quintal. O galinheiro sempre amanhecia com diversos frangos mortos e os porcos na sua grande maioria amanheciam igualmente feridos

Para evitar um mal maior, pois sabia que o animal não estava atrás dos animais de criação da casa e sim da pequena criança pagã, o pai da criança recorreu a Dona Francisca e seus conhecimentos do mundo espiritual.

A benzedeira então se dirige ao sítio do vizinho acompanhada de sua filha e sua neta para que realizassem um benzimento ao redor da casa assegurando à criança e aos familiares que nada de mal lhes aconteceria no perímetro onde fosse feito o benzimento.

Munida de suas ervas como mucuracaá, arruda, cipó-alho, enxofre, sal grosso e outros elementos que não pôde nos revelar ela se encaminha até a casa do vizinho e juntamente com sua filha e sua neta executam o benzimento da casa, da porta, da soleira e da comieira da casa. Realizam o benzimento dos 4 cantos da casa, assim como reza também os cachorros da casa.

Na porteira principal igualmente fazem o benzimento e ali colocam um protetor, um espírito que tomaria conta da entrada e não permitiria que o animal que estivesse rondando a casa na intenção de tirar a vida da pequena não tivesse êxito.

Após feito os rituais onde Dona Francisca evoca os orixás, seus guias espirituais e os encantados para o benzimento da casa, mais uma vez ela recomenda o batismo da criança com a maior urgência possível.

3.6.2 Deve-se respeitar a sexta-feira santa

Ainda ouvindo os relatos de Dona Francisca ela conta que, infelizmente, a juventude de hoje em dia não respeita mais os dias santos. Dia de comemorar os santos agora é motivo de beber, jogar bola e brigar, ninguém mais faz o terço, ninguém mais reza em honra ao santo do dia. Ela ensinou aos filhos, netos e sua pequena bisneta que devemos respeitar e reverenciar esses dias porque, segundo ela, “é um dia que Deus abriu a porta do céu e o capeta do inferno, então precisamos estar atentos”. Ela guarda especial reverência à Sexta-feira Santa.

Segundo a velha benzedeira, a Sexta-feira Santa é um dia muito forte tanto para fazer o bem quanto para fazer o mal porque foi nesse dia que “nosso Senhor Jesus Cristo fez a passagem por causa da maldade do homem, o sangue de um inocente sujou a terra e por isso temos que ficar atentos. É um dia especial onde todos os portões do Céu e do Inferno estão abertos”.

E o que acontece quando não há esse respeito, essa reverência pelo sagrado? Segundo a velha benzedeira maranhense muita coisa pode acontecer dependendo da pessoa. Ela contou que, certa vez, ainda na sua juventude, um primo dela resolveu sair para pescar na Sexta-feira Santa apesar dos apelos de todos para que não o fizesse.

Antônio, o primo teimoso, convenceu um amigo da família a acompanhá-lo na empreitada. Saíram ainda estava escuro e, segundo dona Francisca, quando deu três horas da tarde, hora sagrada que de acordo com a tradição cristã, foi a hora em que Jesus teria deixado o plano carnal e ido para o outro mundo, ouviram um grito vindo do mato. Era o amigo do primo Antônio que chegava com as roupas todas rasgadas e as costas lanhadas como se tivesse apanhado de chicote, em pânico ele só conseguia apontar para o mato falando o nome de Antônio.

Dona Francisca, segundo ela, tinha uns 15 anos à época e ainda não dominava a arte do benzimento e combate a esses tipos de distúrbios espirituais, sua mãe, contudo, era uma mulher valente e capaz para esse tipo de luta.

Sua mãe entrou, pegou seu bernal (uma bolsa de pano) que continha um terço, velas, fósforo, fumo, cachaça, chamou pela filha e por quem mais a quisesse acompanhar para tirar o sobrinho do mato.

Ao que parece, um espírito da mata não gostou que os jovens estivessem por lá pescando e atacou os dois deixando apenas um retornar. Antônio ainda estava preso no mato. Seguiram-se minutos intermináveis até que começaram a ouvir os gritos de socorro do rapaz ao longe.

Nessa hora a mãe de Dona Francisca se abaixa e começa a tirar as coisas de seu bernal colocando-as no chão. Acende uma vela, faz uma oração inaudível segurando o terço e dirigindo-se ao ser da mata fala “Olha! Eu trouxe presentes pra você! Deixa esse infeliz sair e vem buscar seu presente!”, na mesma hora ela dirige-se a uma pedra onde deposita a cachaça e o fumo. Afastando-se sem dar as costas ela ouve o som de passos vindos da mata, é Antônio, todo ensanguentado e exaurido de tanto chorar.

Lentamente todos saem sem dar as costas às oferendas e à medida em que se afastam a luz da vela, segundo Dona Francisca, vai ficando maior “pensei que tinha pego fogo na mata, mas não era não, foi o Curupira que veio buscar o presente dele, por isso que a gente deve respeitar a Sexta-feira Santa, não presta desrespeitar ela não!”.

3.7 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NOS RITOS DAS BENZEDEIRAS

As semelhanças nos ritos de benzimento realizado por essas três benzedadeiras do município de Manacapuru são, em sua grande maioria, de origem católica. Elas iniciam os ritos fazendo o sinal da Cruz realizando a oração do Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha e o Credo.

Qual a importância, afinal, de fazer o sinal da cruz? De acordo com as benzedadeiras é nessa hora que é feita a conexão com os espíritos do bem que virão em socorro dos aflitos e dos necessitados. As rezas entoadas, também católicas, procuram reforçar a conexão entre os mundos para combater o mal.

Das três benzedadeiras observadas, duas professam a religião católica e uma, dona Francisca, é assumidamente praticante de religião afro-ameríndia, em sendo de origem maranhense, é de onde trouxe o Tambor de Mina, o culto a Jurema Sagrada e a Umbanda, entretanto. As semelhanças não param apenas na evocação dos Santos Católicos e dos Anjos no momento dos benzimentos, o uso das ervas, do conhecimento fitoterápico está presente de maneira marcante na religiosidade e do benzimento dessas senhoras.

O uso dos símbolos é essencial para que o ato de benzer e a magia nele contida possam efetivamente ter o resultado esperado ao final do benzimento. Segundo Bourdieu “o poder simbólico é uma forma transformada e legitimada de outras formas de poder. Bourdieu (2010) também nega a confusão entre os termos rigidez (contrário da inteligência) e rigor [...]”.

Os sistemas simbólicos como instrumentos de conhecimento e de comunicação só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: sentido imediato do mundo (e em particular do mundo social) supõem aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico quer dizer uma concepção homogênea do tempo do espaço do número da causa que torna possível a concordância entre as inteligências [...] (Bourdieu, 2010).

Obedecendo a um sistema simbólico estabelecido por gerações passadas as benzedeiras realizam suas curas e mantêm vivas as tradições, na maioria orais, da fé no benzimento e das bênçãos alcançadas com sua intervenção.

Os símbolos usados pelas três benzedeiras em questão possuem valor na sociedade e são amplamente conhecidos apesar de diferir em alguns casos por conta da origem religiosa do mesmo, o fato é que, todas elas possuem um ritual inicial que configura a evocação dos espíritos benfazejos que as auxiliarão em sua missão de benzer.

As diferenças no ato de benzer das benzedeiras em questão basicamente restringem-se a alguns elementos em decorrência da herança religiosa proeminente de cada uma. Dona Ana é católica praticante, vai à missa aos domingos, comunga e procura pagar o dízimo. Dona Flor é igualmente católica, porém, possui uma ligação muito forte com os encantados e espíritos da natureza amazônica e, por fim, Dona Francisca é a única que professa uma religião afro-ameríndia e possui ligação com as entidades que permeiam essa realidade extra-sensorial.

Para dar início à benzeção ou ao benzimento, a benzedeira certifica-se de que seu anjo da guarda está “firmado”, fazendo uma oração silenciosa para o mesmo, depois disso, munida das ervas que comumente se vale para fazer a “limpeza espiritual”, arruda, mukura kaá, cipó-alho ou vassourinha, a benzedeira inicia suas orações podendo oferecer uma vela para o anjo da guarda da pessoa que está sendo rezada.

Normalmente, após um pouco de conversa, a benzedeira identifica o mal que aflige a pessoa que a procurou e, caso seja necessário, essa pessoa deve retornar mais vezes para terminar o tratamento.

Faz-se o sinal da cruz, então, a benzedeira munida de suas ervas e seu rosário ou terço inicia a reza para quebra de mal olhado, inveja, feitiço ou bruxaria:

Com três te puseram
 Com quatro eu te tiro
 Na fé de Maria
 E de Jesus Cristo
 Se fizeram feitiço no rastro da sua pegada
 No fio do seu cabelo
 No reto da sua comida
 Eu te livro, te liberto em nome de Deus e da Virgem Maria
 Que todo mal que te desejaram vá pro fundo do mar sagrado
 Aonde não berra o boi
 Aonde não chora a criança
 Aonde não canta o galo
 Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
 Amém

Realiza-se nova reza de maneira inaudível, usando uma vela branca acesa que é passada ao redor do corpo da pessoa rezada. Quando se trata de quebra de feitiço, a vela é quebrada ainda acesa em três pedaços e é colocada para queimar no chão, do lado de fora da casa.

A benzedeira irá analisar se há a necessidade de retorno para terminar o tratamento ou se apenas esse rito já foi o suficiente. É importante deixar claro que essas mulheres não cobram absolutamente nada pelas rezas e bênçãos que dão, às pessoas que as procuram, normalmente, levam em forma de agradecimento, um maço de vela, um vaso de planta mas, dificilmente oferecem dinheiro e, quando o fazem, as benzedeadas se recusam a receber pois “o que foi recebido de graça, de graça deve ser ofertado”.

OUTRAS REZAS

BÊNÇÃO AOS AFLITOS

Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo
 Salve as almas benditas que vêm em socorro
 dos que passam por momentos de aflição
 Salve as almas benditas que vêm em socorro
 daqueles que não mais têm esperança
 Salve as almas benditas que trazem a bênção do Pai, do Filho do
 Espírito Santo
 A todos os que vieram em busca da paz e do alívio no coração
 Rogai por nós Almas benditas
 Livrai-nos do mal
 Amém

BÊNÇÃO PARA VENDER UMA CASA

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo
 São Pedro que edificou a Igreja de Cristo
 Aquele que tem as chaves dos céus
 Venho pedir a sua bênção para conseguir vender minha casa
 Poderoso São Pedro me seja favorável
 E interceda por mim junto a Deus
 Amém

BÊNÇÃO PARA ARRUMAR EMPREGO

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo
 Salve as almas benditas nesse momento de aflição e angústia
 Vós que fostes martirizados em nome da sua fé em Jesus Cristo
 Eu venho apelar por sua intercessão
 Ide junto a Deus minhas almas benditas
 Para que se abram os caminhos do trabalho honesto em minha vida
 Creio na sua intercessão e sei que já fui atendido
 Amém

BÊNÇÃO PARA QUEBRANTO E VENTRE VIRADO

Em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo
 Pela cruz sagrada onde Nosso senhor Jesus Cristo padeceu e foi morto
 Dai-nos a bênção da vossa graça
 A vós suplico aos pés de vossa Sagrada Cruz
 Deus, atendei minha súplica e vinde em meu socorro
 Retira o quebranto dessa criança (fale o nome da criança 3x)
 Em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo
 Amém

3.8 O BENZIMENTO HOJE E O PAPEL DAS BENZEDEIRAS EM MANACAPURU

O benzimento é uma prática comum em diversas culturas e tradições, consistindo em realizar rituais e orações com o objetivo de afastar energias, espíritos malignos, proteger e curar pessoas.

Apesar do desenvolvimento dos conhecimentos científicos e sua expansão, a benzeção sobrevive enquanto prática tradicional em Manacapuru. Após vermos os relatos das três benzedeadas de Manacapuru, suas práticas, e saber que ainda estão na atividade, apesar da idade avançada, fica um questionamento: Há espaço para o benzimento e a reza em uma sociedade culturalmente interligada pela internet onde a modernidade nos coloca em rede com o mundo todo?

A resposta está nos próprios relatos das benzedeiras que, apesar da idade, ainda são procuradas com frequência por pessoas de diversas classes sociais e até de fora do Município para auxiliar na solução de problemas de ordem de saúde, ou mesmo emocional.

Apesar da internet, dos processos de desenvolvimento da ciência e das técnicas médicas, o ser humano apresenta a necessidade de sentir-se curado, acolhido e abençoado, para tanto, o papel dessas mulheres na prática do benzimento perpassa o tempo e o espaço, atendendo outra classe de necessidade humana e, com forte referência identitária, essas mulheres, possuem importante papel para a perpetuação de costumes e ideias religiosos, mantendo vivas as tradições regionais.

Em um mundo altamente qualificado pelas técnicas, marcado pela velocidade da alta modernidade, desconecta os indivíduos e expande as distâncias do e no local, então o vizinho passa ser um estranho e o benzimento uma aberração mítica, de um lado, enquanto de outro, práticas sociais ainda resistem a estas dimensões e mostram que o homem, apesar de toda a tecnologia, necessita se ligar às tradições e aos símbolos para manter-se conectado com seus pares.

O benzimento é uma prática muito antiga de cura que procura trazer ao homem o “bem estar” e a paz de espírito tão necessária através do uso de rezas, ritos, símbolos e crenças populares.

Durante o benzimento não há separação de corpo, alma e pensamento, tudo será beneficiado pelo rito e a harmonia necessária para chegar ao sucesso do mesmo é fruto dos dons que as mulheres benzedeiras possuem.

O ato de benzer nos obriga a pensar no significado da palavra bênção que, segundo o dicionário online Michaelis, quer dizer ato ou efeito de benzer ou bendizer, ato ou efeito de evocar a presença de Deus, voto de felicidade e proteção divina formulado por alguém para outra pessoa. Portanto, o ato de benzer necessita que a pessoa que o faz seja capacitada a fazê-lo, você não pode dar o que não tem.

Diversas histórias envolvendo as benzedeiras me foram contadas, outras tantas eu mesma vivenciei e, os relatos aqui apresentados foram recolhidos durante minha convivência

com essas pessoas em Manacapuru, são fruto da observação e da curiosidade de adolescente e, mais tarde, da adulta que hoje escreve sobre as coisas maravilhosas feitas por essas mulheres sem comparação.

Manacapuru é uma cidade interligada por terra e por água à capital do estado do Amazonas e, assim como as águas, as forças de benzeção fluem e conectam práticas e universos amazônicos, conectando cosmologias, religião e mística às práticas sociais, que determinam a forma pelas quais os indivíduos se organizam socialmente.

O papel dessas mulheres na conexão dos espíritos e das curas demonstra um papel de centralidade, Dona Francisca, Dona Ana e Dona Flor são sujeitos importantes em Manacapuru, não só pelos serviços práticos que realizaram, tais como a garantia dos nascimentos e das curas, mas também por representarem processos de conhecimento que se replicam, perduram e se mantêm em Manacapuru.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, M. C. de M. **O lugar das pessoas idosas na sociedade contemporânea: uma reflexão a partir das práticas de benzedeiros (as)**. Tese de Doutorado (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais). São Paulo, 2014.
- AMINO. **As druidas celtas**. 03 de dezembro de 2020. Disponível em: https://aminoapps.com/c/eras-historicas/page/blog/as-druidesas-celtas/7XWR_dQsPu5BlJWaMvGRRWDwEDobvmW7QG
- BARROS, F. M.; MARTINEZ M. A.; MATOS A. T. de; MOREIRA, D. A. Distribuição quantitativa de variáveis de qualidade da água coletada em diferentes pontos de um perfil transversal do rio turvo sujo - MG. **Engenharia na agricultura**, v. 20, n. 1, p. 60-69, 2012.
- BARBOSA, M. O. L. **Incas. História do Mundo**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/inca#:~:text=Os%20incas%20foram%20povos%20amer%C3%ADndios,em%20classes%20e%20muito%20hierarquizada>.
- BELTRÃO JÚNIOR, H.R. **AS PRÁTICAS DE BENZIMENTO EM PARINTINS: UMA ABORDAGEM FOLKCOMUNICACIONAL**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus - AM – 01 a 03/05/2013
- BENCHIMOL, S. **AMAZÔNIA: Formação Social e Cultural**. Editora Valer. Manaus. AM. 2009.
- BEZERRA, M. J. P. S; VIDEIRA, P. L; CUSTÓDIO, E. S. “Se eu não fizer o bem, o mal não faço!”: o sagrado afroindígena vivenciado pelas benzedeadas do quilombo do Cria-ú no Estado do Amapá. **REVER**. São Paulo, v. 20, n. 2, mai/ago 2020.
- BORGES, A.F.C.. **O festejo da abolição, na comunidade quilombola dona Juscelina/Muricilândia-TO: o turismo cultural e patrimônio imaterial**. TCC. Universidade Federal Do Tocantins Campus Universitário De Araguaina- To Curso Superior De Graduação Em Tecnologia Em Gestão De Turismo, 2023.
- BOARETTO. A. C. de O. **Reavivamento religioso e a busca por um sentido da religiosidade na modernidade radicalizada**. *Revista sem aspas*. Año 2012, Vol. 1, Número
- BOURDIEU, P. **Sobre o poder simbólico**. Bertarnd Brasil. Rio de Janeiro. RJ. 2001.
- BRAGA, Adriana Nonato. **A Arte de Benzer e Seus Processos de (Re)construção na Cidade de Tefé – Amazonas**. Trabalho de Conclusão de Curso. Tefé, AM: UEA, 2021.
- CASTRO, C. (ORG.). **Evolucionismo Cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro: RJ. 2005.
- CÂMARA, Y. R. **Das bruxas, saludadoras, santeiras, cuspidas e meigas européias às atuais rezadeiras tradicionais brasileiras**. *Revista Ciência da Religião*. Goiania. V. 18. N.

2. 2020. Disponível em:

<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8074/4618>

CORREIO BRAZILIENSE. **Benzedeiras atraem pessoas de diversas religiões em busca de paz espiritual**. 29 de abril de 2018. Disponível em:

https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/04/29/interna_cidadesdf,677065/benzedeiras-atraem-pessoas-de-diversas-religoes-em-busca-de-paz.shtml

CHAVES, R. **Massacre do movimento Mucker completa 144 anos**, 13 de agosto de 2018.

Disponível em: [https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-](https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2018/09/massacre-do-movimento-mucker-completa-144-anos-cjm123l2v032r01pxdvpu9hs1.html)

[lazer/almanaque/noticia/2018/09/massacre-do-movimento-mucker-completa-144-anos-cjm123l2v032r01pxdvpu9hs1.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2018/09/massacre-do-movimento-mucker-completa-144-anos-cjm123l2v032r01pxdvpu9hs1.html)

CLARINDO, M. F.; STRACHULSKI J.; FLORIANI N. **Curandeiros Parintintin e Benzedeiras: Reprodução do Saber Popular de Cura**. *Hygeia – Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, Uberlândia, v. 15, n. 31, p. 105–124, 2019. DOI: 10.14393/Hygeia153148560. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/48560>. Acesso em: 21 set. 2023.

DALL’AVA-SANTUCCI, J. **Mulheres e médicas; as pioneiras da Medicina**. - Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) –ed. - São Paulo : Contexto, 2004.

DEL PRIORE, M. VENANCIO, R. **Uma breve história do Brasil**. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010

DIAS, V. F et al. **Saberes e fazeres quilombolas da comunidade Kalunga do Prata Goiás: as benzedoras, seus benzimentos e suas contribuições para a educação do campo**. *JNT - Facit Business and Techonology Journal*, v. 1, n. 2, 2017.

DISTANTE, C. **Memória e Identidade**. Tempo Brasileiro (95). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

ESPOSITO, A.; POLLINI, A.. **Explorando a história e a arqueologia da colonização grega (períodos arcaico e clássico): fontes, métodos, questões**. *Cadernos do Lepaarq* Vol. XV, n. 29. 2018

FABIAN, J. **O Tempo e o Outro: Como a Antropologia estabelece seu objeto**. Ed. Vozes. Petrópolis: Rio de Janeiro. RJ. 1983.

FERREIRA, L.O. **Ciência Médica e Medicina Popular nas Páginas dos Periódicos Científicos (1830-1840)**. In: CHALHOUB, Sidney et al. **Artes e Ofícios de Curar no Brasil: Capítulos de História Social**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003, p. 101-122.

FERNANDES, U. R. V.. **Festejos de Santo Antônio do Bairro da Terra Preta – Manacapuru/AM**. Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. UFAM. 2016.

GEVEHR, D.L; SOUZA, V.L. **AS MULHERES E A IGREJA NA IDADE MÉDIA: misoginia, demonização e caça às bruxas.** Revista Acadêmica Licencia&acturas. Ivoti. vol2. no. 1. pág. 113/121. Janeiro/Junho 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, SP: Atlas, 2002.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da Benzeção. **Revista Guaju**, Matinhos, v.1, n.2, p. 110-126, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/guaju/article/download/45038/27420>>. Acesso em outubro de 2021.

LIMA, R.E.F.N. de. **Yanomami Peripo yëi – Os Filhos do Sangue da Lua: Reconfiguração das Relações Étnicas no Alto Rio Negro.** – Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. UFAM. 2016.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade.** 2 ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

MARCONI, M.A. LAKATOS, E.M. **Metodologia Científica.** Ed. Atlas. Barueri: São Paulo. SP. 2022.

MALUF, S. **Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MAUÉS, R. H. **Medicinas populares e "pajelança cabocla" na Amazônia.** ALVES, PC., and MINAYO, MCS. (orgs). **Saúde e doença: um olhar antropológico** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p.

MAUÉS, R.H. **Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico.** Ed. CEJUP. Belém: P.A. 1995.

MEU PARANÁ. **Conheça a cidade que reconhece as benzedadeiras como profissionais:** Rebouças é a primeira cidade do Brasil a reconhecer a profissão. <https://redeglobo.globo.com/rpctv/meuparana/noticia/2013/11/conheca-cidade-que-reconhece-benzedadeiras-como-profissionais.html>

MONTERO, Paula. **Magia e Pensamento Mágico.** - 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MOURA, E.C.D. **Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual da benzeção.** Mneme - Revista de Humanidades, 11 (29) , 2011 – JAN / JULHO Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó.

NASCIMENTO, G.C.C. **Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal.** In: CANANÉA, F.A. Sentidos de leitura, sociedade e educação. João Pessoa: Imprell, 2013. P. 57-68.

NEVES, F. A. de F. **Católicos e protestantes: as religiosidades em disputa na Amazônia oitocentista (1850-1888)**. *Revista Nupem*. Vol. 14, n. 31, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5695>

NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

OLIVEIRA, E. R. de. **Eficácia simbólica de cura e razão analógica**. 2002. Disponível em: <http://www.ipetrans.hpg.ig.com.br>.

OLIVEIRA, J. A.. **Cidades na Selva**. Manaus: Editora Valer, 2000. POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

OLIVEIRA, Monique Andressa de. **“Mulheres de fé”: o repertório de saberes e fazeres de benzedeiras em Matinhos, litoral do Paraná**. Dissertação (Mestrado). Matinhos/PR: Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, 2019.

OLIVEIRA, D. **Plantas da Amazônia são eficazes no tratamento de picadas de serpentes venenosas, aponta estudo**. *Amazônico inovação e tecnologia – Pará*. 21 de setembro de 2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/plantas-da-amazonia-sao-eficazes-no-tratamento-de-picadas-de-serpentes-venenosas-aponta-estudo/>

OLIVEIRA, F.M. **Breve histórico das práticas de cura das rezadeiras na América Portuguesa. IX Encontro Estadual de História**. 2018 www.encontro2018.bahia.anpuh.org

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro**. São Paulo: SP. Editora Brasiliense. 1988.

PACHECO, A.S. **Religiosidade afroindígena e natureza na Amazônia**. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 476-508, abr./jun. 2013 – ISSN 2175-5841.

PAIVA, José Maria de. **Sobre a Civilização Ocidental**. *Cadernos de História da Educação*. Vol. 11, n.1. jan/jun 2012. <https://seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/806>

PIRES, J.D.A. **VISÕES SOBRE O FEMININO E O CORPO NA IDADE MÉDIA**. *Revista Feminismos*. Vol.3, N.2 e 3, Maio - Dez. 2015

RAMOS, J. M. **Incorporação e integração da Amazônia: perpetuação da colonialidade**. *In: Amazônia Latitude*. 17 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2019/12/17/incorporacao-e-integracao-da-amazonia-perpetuacao-da-colonialidade/>

REIS, L.S.C.; BRASILEIRO, R.A.M. **As benzedeiras e o sagrado como patrimônio cultural imaterial de minas gerais**. 2022. <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/12301/6177>

RIBEIRO, M.G. **O sagrado Feminino na literatura. Ipotesi – Revista de Estudos Literários**. v. 16 n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/25762>

RIBEIRO, R.I. **Alma Africana no Brasil: Os iorubas**. Edirora Oduduwa. Sumaré: S.P. 1996.

ROCHA-POPPE, Paulo César da; FERNANDES MARTINS, Vera Aparecida; et al. **Aspectos da Ciência Astronômica na Antiga Civilização Egípcia**. Disponível em: <https://ojs3.uefs.br/index.php/SSCF/article/view/8811>

ROLIM, A. V; CARVALHO, L. L.M. **A relação entre a religião e o trabalho na sociedade Inca. Revista Ameríndia - História, cultura e outros combates.** Fortaleza, v.3, n.1 p. 1-9, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/2015/article/view/1558/1411>>.

SANTOS OLIVEIRA, M.S. **Religiosidade popular em comunidades estuarinas amazônicas: um estudo preliminar do Marabaixo no Amapá. Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.** Universidad de Barcelona. Nº 45 (49), 1 de agosto de 1999. <https://www.ub.edu/geocrit/sn-45-49.htm#:~:text=O%20homem%20que%20vive%20na,fazem%20parte%20do%20seu%20cotidiano.>

SANTOS, D.. **Sophia Muller: a missionária e o chamado!**. 2023. Disponível em: <https://www.daladierlima.com/sophia-muller-a-missionaria-e-o-chamado/>

SELMA, G. **As benzedeiras e as rezas fortes.** <https://ilovesergipe.com.br/as-benzedeiras-e-as-rezas-fortes/> 2021.

SERRA, J. P. **Tempo e História na Grécia Antiga. Revista Lusófoga – Ciência das Religiões.** n. 1, 2002. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/4678>

SILVA, A. R. P. da. **A construção identitária do cirandeiro do festival de cirandas de Manacapuru/AM.** Dissertação de Mestrado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFAM. 2014.

SILVA, E. O. da; PARDAL, P. P. de O. **Envenenamento por serpente Bothrops no município de Afuá, Ilha de Marajó, estado do Pará, Brasil. Revista Pan-Amazônica de Saúde.** Vol. 9, n.3 Ananindeua. Set. 2018. Disponível em: <https://ojs.iec.gov.br/index.php/rpas/article/view/335/202>

SIQUEIRA, A. B. **Etnoconhecimento de benzedeiras e rezadeiras : resistência ao tempo e à tecnologia. Revista Húmus.** São Luís, MA : UFMA, 2021. Vol. 11, n. 25, p. 119-132. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230892>

SOUZA, L.M. **O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial.** – São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, M. **História da Amazônia: Do período pré-colombiano aos desafios do século XXI.** Editora Record. Rio de Janeiro. RJ. 2019

TEIXEIRA, M. I; GIACOMIN, A.C.; SILVA, B. E. da. KAUFFMANN, C. HOEHNE; L.. PÉRICO, E.; ETHUR, E. M. **Relação entre diversidade e etnoconhecimento de “raizeiros” sobre plantas medicinais no sul da Amazônia. Cuadernos de Educación y Desarrollo,** v.15, n.12, p. 17341-17362, 2023 Brasil. Disponível em: <https://ojs.europublications.com/ojs/index.php/ced/article/view/1954/2549>

PENAFORTE, G.S. **Ofício de Fé: rezadeiras no município de São Paulo de Olivença – AM**. Dissertação (Mestrado). Manaus, AM: UFAM, 2021

REVERSO ONLINE. Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Dossiê Olhares do Recôncavo. **O desaparecimento das benzedeiras do Recôncavo**. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/reverso/o-desaparecimento-das-benzedeiras-do-reconcavo/> 2023

RUBEM, Erik Gonçalo. **O Benzimento e os Saberes Tradicionais em Saúde no Município de Amaturá-AM**. Dissertação (Mestrado). Manaus, AM: UFAM, 2022.

SALGADO, Liliane Lizardo. **Mutawarisá: benzimento entre os Baré de São Gabriel da Cachoeira – Alto Rio Negro**. Dissertação (Mestrado). Manaus, AM: UFAM, 2016.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O Fim do Império Cognitivo: a Afirmação das Epistemologias do Sul**. 1 ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Francimário Vito dos. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. 2009. **Revista CPC**, (8), 6-35. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i8p6-35>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15647>. Acesso em: 21 set. 2023.

SANTOS, Luene Gonçalves dos. **A Inserção das Benzedeiras no Meio Popular (Pires do Rio e Palmelo)**. Dissertação (Mestrado em História) apresentada junto à Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia-GO: 2016.

SILVA, Ronildo Geraldo da. **Saberes Tradicionais de Benzedeiras e os Processos Educativos da EJA**. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, MG: UFMG, 2022.

SILVA, Verônnica Teles dos Santos. **Benzedeiras de Goiás: Resistência e Memória Popular**, 2022. Monografia. Goiânia, GO: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2022.

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. **Ramos, Rezas e Raízes: A Benzedura em Vitória da Conquista**. 1999. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

THOMPSON, Paul. Recordar é viver. Associação Brasileira de Comunicação Empresarial. São Paulo, jan. 2001. Entrevista realizada Nara Damante. Disponível em: http://www.aberje.com.br/revista/antigas/rev_36_entrevista.htm. Acesso em 28 ago. 2019.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TRINDADE, Deilson do Carmo. As benzedeadas do Amazonas: a atualidade da cura popular na cidade de Parintins, **Anais do VII CONNEPI (Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação)**: Palmas/TO, 19 a 21/10/2012.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: Do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. Editora Record. Rio de Janeiro. RJ. 2019

VERAS, H.S. **O santo e o encantado: a procissão afro umbandista para São Sebastião em São João de Pirabas**. Revista de Antropologia da USP. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/b4RWHJKp6ybPrrLssFkjm7q/#> Acessado em: 10/07/2024

WRIGHT. R. **História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro**.